



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LAILA PEDROSA DA SILVA

**ECOS DO PROGRESSO, RUÍDOS DE CIVILIZAÇÃO: As Exposições
Estaduais no Piauí do final do século XIX e início do século XX.**

PICOS, PI
2016

LAILA PEDROSA DA SILVA

**ECOS DO PROGRESSO, RUÍDOS DE CIVILIZAÇÃO: As Exposições
Estaduais no Piauí do final do século XIX e início do século XX**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, como requisito para obtenção do título de graduada em História.
Orientador: Prof. Ms. Mairton Celestino da Silva.

PICOS, PI
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586e Silva, Laila Pedrosa da
Ecos do progresso, ruídos de civilização: as exposições
estaduais no Piauí do final do século XIX e início do século XX
/ Laila Pedrosa da Silva. – 2016.
CD-ROM: il.; 4 ¾ pol. (88 f.)
Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade
Federal do Piauí., Picos, 2016.

Orientador: Prof. Me. Mairton Celestino da Silva

1. Economia Piauiense. 2. Exposição Universal. 3. Piauí-
Progresso. I. Título.

CDD 981.22

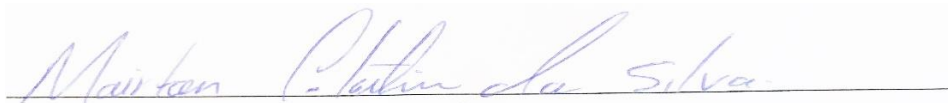
LAILA PEDROSA DA SILVA

**ECOS DO PROGRESSO, RUÍDOS DE CIVILIZAÇÃO: As Exposições
Estaduais no Piauí do final do século XIX e início do século XX**


Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, como requisito para obtenção do título de graduada em História, sob a avaliação da seguinte banca examinadora:

Data da aprovação: 29 / 07 / 2016

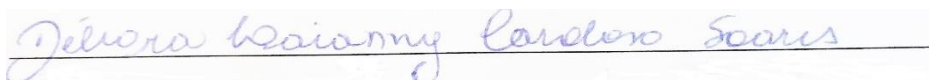
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Mairton Celestino da Silva – Orientador



Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Examinador Interno



Prof. Ms. Débora Laianny Cardoso Soares – Examinadora Externa

Dedico este trabalho principalmente a Deus, que durante essa jornada da minha formação acadêmica esteve ao meu lado, sempre protegendo quando precisei e encorajando quando desanimei. Dedico também essa vitória aos meus pais, Maria da Conceição Pedrosa e José Filho da Silva, pelo amor, carinho, compreensão e confiança; essa conquista também é de vocês.

AGRADECIMENTOS

Com o coração imensamente agradecido louvo a Deus por tudo. Por que Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele a glória por toda a eternidade. Creio que essa conquista não seja apenas mérito meu, mas daquele que guiou meus passos dia e noite, segurou em minha mão quando estive com medo e abriu os meus caminhos quando já não tinha mais saída. Sinto-me amada e agraciada por receber tamanhos cuidados de um Deus tão maravilhoso, que providenciou tudo o que precisei durante esses quatro anos e meio que passei longe de casa. As batalhas diárias foram muitas, porém o Senhor nunca permitiu que eu desistisse do meu objetivo e hoje louvo e agradeço pela sua misericórdia, e tenho plena convicção de que meus sonhos foram seus sonhos, sendo esse o motivo de tudo ter dado certo. Obrigada!

Quero agradecer à minha mãe, Maria da Conceição Pedrosa, e ao meu pai, José Filho da Silva. Confesso que nesse momento a emoção toma conta de mim e o sentimento que invade meu coração é gratidão. O que falar de vocês? Como agradecer por tudo o que vocês fizeram por mim? Palavras não são suficientes para expressar o amor e a admiração que eu tenho por cada um. Minha mãe, minha guerreira, meu exemplo, se hoje sou essa pessoa devo muito a você. Muito obrigada por tudo, por todas as vezes que a senhora apoiou os meus sonhos, pela confiança atribuída a mim, pelos cuidados demonstrados todas as vezes que ligava perguntando se eu estava bem, pela acolhida nos finais de semana, sempre preparando minhas comidas preferidas, enfim, sem seu apoio não teria conseguido chegar até aqui. Amo-te! Meu pai, homem forte, batalhador, sei que o senhor não é muito de expressar seus sentimentos, porém consigo perceber o amor e carinho que tens por mim. Obrigada por todas as vezes que se preocupou comigo, saiba que tenho muito orgulho de ti, és meu exemplo. Amo-te!

Agradeço às minhas irmãs: Lidiana Pedrosa da Silva, uma pessoa de enorme coração, que me ajudou bastante durante minha formação, muito obrigada pela força, amor e carinho; Gleciane Pedrosa da Silva, um anjo de Deus na minha vida, agradeço imensamente pela compreensão e paciência, quando muitas vezes não pude cumprir meus compromissos no Grupo de Oração. Saibam que vocês são meus exemplos, tenho muito orgulho de poder dizer que eu tenho as irmãs mais lindas do mundo. Amo-vos!

Aos meus sobrinhos, Felipe Gabriel, João Victor e Laura Fernanda minha fonte de alegria, obrigada por tornarem meus finais de semana mais leves. Não conto as vezes que cheguei em casa cansada e desanimada, mas só de olhar para vocês, ouvir vocês me

chamando de Ia, já renovava minhas forças para enfrentar mais uma semana. Vocês são meus tesouros aqui na terra, titia ama demais.

Agradeço a todos os meus professores do curso de Licenciatura em História: Agostinho Coe, Dayvide Magalhães, Gleison Monteiro, Olívia Candeia, Iael de Sousa, Ana Maria Koch, Karla Ingrid, Carla Silvino, Mona Ayala, José Petrúcio, Francisco Nascimento, Raimundo Lima, Marylu Oliveira, Naudiney Gonçalves, Fábio Leonardo, Ana Paula; obrigada pela paciência e por todos os ensinamentos compartilhados de forma ímpar. Quero agradecer de forma especial ao meu orientador, Mairton Celestino da Silva, um exemplo de historiador. Obrigada pela amizade, paciência, puxões de orelha e pressões psicológicas (risos), saiba que tudo isso foi de extrema relevância para meu crescimento intelectual.

A CAPES, pela concessão da bolsa do PIBID, a qual contribuiu para minha formação profissional, não apenas financeiramente, mas também por meio dos conhecimentos adquiridos através do contato com a rede pública de ensino, me proporcionando uma experiência única. Agradeço à minha equipe do PIBID pelo compromisso e dedicação, foi maravilhoso trabalhar com vocês. Não poderia também de deixar de expressar minha gratidão às escolas nas quais atuei por meio do programa: Miguel Lidianio, Mario Martins, Escola Normal e Ozildo Albano. Muito obrigada!

Agradeço aos meus colegas membros do Projeto de Extensão Restauração, Catalogação e Digitalização de Documentos Eclesiásticos do Piauí que faço parte. Que possamos continuar compartilhando nossos conhecimentos. Aos meus colegas do Centro Acadêmico de História, Gestão Pra Fazer Diferente, ao qual fiz parte, meus sentimentos de gratidão. Gostaria de agradecer a meus companheiros do Projeto de Extensão TEMPUS, uma experiência linda, que vou levar para sempre comigo, por que a arte não pode morrer. Desejo muita merda para cada um de vocês.

Agradeço a minha turma de História 2012.1, pelo carinho, amizade, brigas e discussões, por que também faz parte (risos), em especial Keliana, Jayla, Carol e Wanderlei, pela parceria nos trabalhos. Agradeço ao pessoal da Residência Universitária com os quais convivi dois anos e construí algumas amizades. Dessa convivência, aprendi muitas coisas, entre elas posso citar, o respeito às diferenças. Agradeço também a equipe do NAE, nas pessoas de Izabelly e Katarine, pela disponibilidade e simpatia, muito obrigada.

No ano de 2012, ao vir morar na cidade de Picos, uma família que tenho um enorme carinho me acolheu em sua casa, na qual trabalhei por seis meses. Durante esse período, sempre fui tratada com muito respeito e consideração, criando um laço afetivo muito forte. Nunca tive a oportunidade de agradecer-los por tudo que fizeram por mim, mas hoje quero

deixar aqui os meus sinceros sentimentos de gratidão. Muito obrigada Garlene, Rosa Neide, Cíntia, Carlos Júnior e Ana Júlia vocês foram peças fundamentais na conquista desse sonho.

Foram tantas as pessoas importantes ao longo dessa jornada, que nesse momento me inside um medo de cometer um equívoco e esquecer alguém. Mas à medida que a falha memória for permitindo, irei agradecendo aos poucos àqueles que foram meu alicerce. Falando em alicerce, não poderia deixar de agradecer aos meus irmãos do Grupo de Oração Conduzidos pelo Espírito, lugar onde renovo minhas forças todos os sábados. Obrigada pelo apoio, pelas orações, por acreditarem em meus sonhos e compreenderem muitas vezes minha ausência. Obrigada a todos!

As minhas amigas de farrinha (friends to the distance), Gaby, Taynara, Kassylene, Carleusa, Camila, Cledivânia, Kátia, Aryana, Janiscléia, Reury, Gecyane, obrigada por me proporcionarem momentos de descontração, altas risadas, muita comida e fofocas. Agradeço também a meu amigo Leonardo, pelo incentivo no início do meu curso, por acreditar em mim e torcer sempre pelo meu sucesso.

Durante esse tempo tive o prazer de morar com algumas pessoas que se tornaram para mim mais que amigas. Juntas construímos uma relação de irmandade, sempre ao lado umas das outras ajudando a enfrentar as dificuldades diárias. Aleisa, Antônia e Fabiana, nunca vou esquecer aquele dia em que nos conhecemos, ao lado da Igreja de São Francisco de Assis no sol quente de meio dia (risos). Costumamos dizer que a nossa amizade foi selada por Deus, pois naquele momento que nos conhecemos só ele sabia o que cada uma de nós estávamos passando. Vocês foram anjos enviados por Deus na minha vida, por isso nesse momento tão importante, quero agradecer a cada uma de vocês de modo particular.

Fabiana Costa, uma pessoa a qual eu já conhecia antes de morarmos juntas, porém a convivência me ensinou a admirá-la ainda mais por ser uma pessoa serena, amável e prestativa. Obrigada por você ter sido reflexo de Deus na minha vida, obrigada pelos conselhos, por você ter cuidado de cada uma de nós, suas filhas adotivas. Saiba que eu já te perdoei por todas as vezes que você me excluiu na hora das refeições, por eu ser sua única filha negra (risos). Enfim, agradeço pelo afeto!

Antônia Célis, a nêga mais ruim que eu conheço e ao mesmo tempo com um imenso coração. Não tenho palavras para agradecer por todos os momentos que passamos juntas, pelos risos e palhaçadas. Meus dias se tornavam melhores todas as vezes que ficava perto de você, nem que fosse por apenas uns minutos. Agradeço por sua amizade verdadeira, pelo seu companheirismo em todos os momentos e pela sua torcida sempre me incentivando dizendo que ia dar certo. Amo-te!

Agradeço à minha companheira de curso, amiga e irmã, Aleisa Carvalho. Confesso que escrever essa parte dos meus agradecimentos não é fácil, um sentimento de alegria e tristeza toma conta de mim. Alegria por saber que chegamos onde tanto sonhamos, mas tristeza ao saber que daqui a alguns dias, meses ou anos iremos seguir caminhos diferentes, restando apenas saudades de tudo que compartilhamos juntas. Como vou viver sem minha outra metade? Construímos uma relação tão forte que já não éramos duas pessoas, mas apenas uma, ou, como muitos diziam, Chris e Greg. Amiga, eu só tenho a te agradecer por tudo que fizeste por mim, pelas broncas quando quis desistir, pelo incentivo quando estava desanimada, por nossa parceria em tantos trabalhos da universidade. Sem você tudo teria sido mais difícil, sem você eu não teria me transformado na pessoa que sou hoje, pois você me ensinou muitas coisas, me ensinou a resistir, a crescer e a viver. Amo-te!

Quero agradecer aos meus amigos da UFPI e do curso de História, algumas pessoas em especial, que durante essa jornada estiveram sempre ao meu lado. Luís Carlos, meu tesouro, sempre com o dom de alegrar os meus dias com suas palhaçadas, me fazendo rir até perder o ar e chamar São Brás. Juntos não valem nada, pois tesouramos até dizer chega (risos). Obrigada por estar sempre ao meu lado, por me acompanhar em todos os momentos e fazer deles os melhores possíveis. Lincoln Franco, amigo fiel, um historiador admirável. Agradeço pelo incentivo, amor, carinho e também pelas massagens realizadas após um dia de estresse (risos). Obrigada por me proporcionar momentos únicos na minha vida, saiba que eu te amo.

Aos demais amigos, João Fernandes Neto, uma pessoa maravilhosa, sempre disposta a ajudar quando mais precisei; obrigada pelo apoio e incentivo. Renata, minha flor mais linda, conquistou meu coração com seu jeito meigo, obrigada pela amizade. Mariana, além de linda e super inteligente, tu és minha fonte inspiradora. Cléia, minha companheira de quarto nos últimos tempos, a bicha é doida, porém tem um coração de gigante, obrigada pelos cuidados; Charliene, a cangaceira, que conquistou meu coração, obrigada pelas brincadeiras e risadas; Cristiano, meu gnomo preferido, obrigada pelas discussões e trocas de conhecimentos.

A todos vocês eu ofereço esse trabalho, obrigada!

A burguesia, pelo rápido desenvolvimento de todos os instrumentos de produção, pelos meios de comunicação imensamente facilitados, arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização [...]. Em uma palavra, cria um mundo à sua própria imagem.

K. Marx e F. Engels

[...] nunca houve um só tipo de transição. A tensão desta recai sobre a totalidade cultural: a resistência à mudança e o ascenso à mesma surge da cultura inteira [...]. O que necessita dizer-se não é que uma forma de vida é melhor que outra, mas sim que há aqui um problema muito mais profundo; que o testemunho histórico não é simplesmente de mudança tecnológica neutra e inevitável, mas também de exploração e resistência à exploração; e que os valores são suscetíveis de serem perdidos e encontrados.

E. P. Thompson.

RESUMO

Símbolo máximo do desenvolvimento econômico da sociedade ocidental, as Exposições Universais instituídas ao longo da segunda metade do século XIX potencializava aquilo que de mais belo os países europeus e da América tinham a oferecer ao mundo e ao sujeito dito civilizado. O Brasil Imperial, por meio do seu maior entusiasta, D. Pedro II, não ficaria de fora desses eventos representativos da civilização, mobilizando algumas províncias na seleção e envio de produtos. O sucesso das exposições repercutiu de forma tão positiva, que no século XX os eventos continuaram a ser realizados. Nesse trabalho analisamos a participação do Piauí na Exposição Nacional de 1908 e na Exposição Estadual de 1923, com o objetivo de compreender a inserção dos sujeitos do Piauí no contexto mais amplo das transformações econômicas, políticas e sociais que ocorria naquele período que se convencionou chamar de *Belle Époque Tropical*, onde tais transformações significavam mudanças de posturas e de atitudes frente a um mundo cada vez mais moderno, civilizado e europeizado nos costumes e nos hábitos. As fontes analisadas foram os catálogos dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908 e na Exposição Estadual de 1923, os relatórios do presidente da província, os relatórios da agricultura, da indústria, viação e obras públicas e alguns exemplares da revista O auxiliador da indústria nacional.

Palavras-chaves: Exposições. Economia piauiense. Modernização e Progresso.

ABSTRACT

Ultimate symbol of the economic development of Western society, the Universal Exhibition instituted during the second half of the nineteenth century potencializava what most beautiful European and American countries had to offer the world and the subject called civilized. The Imperial Brazil, through its most enthusiastic, Dom Pedro II, not be out of these events representative of civilization, mobilizing some provinces in the selection and delivery of products. The success of the exhibition reflected so positively, that in the twentieth century events continued to be performed. In this paper we analyzed the participation of Piauí in the National Exhibition of 1908 and the State Exhibition 1923, in order to understand the integration of the subjects of Piauí in the broader context of economic, political and social changes that occurred in that period that came to be called Tropical Belle Epoque, where such changes meant changes postures and attitudes to an increasingly modern world, civilized and Europeanized in customs and habits. The analyzed sources were the catalogs of Piauí products in the National 1908 Exhibition and State Exhibition 1923, the provincial president of the reports, agricultural reports, industry, road and public works and some copies of the magazine *The industry's helper national*.

Keywords: Exhibition . Piauí economy. Modernization and progress.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Planta dos edifícios construídos para abrigar os produtos da exposição.....	64
Figura 2: Touro da raça Hereford exposto na Exposição Nacional de 1908.....	70
Figura 3: Quadro dos bovídeos expostos na Exposição Estadual de 1923.....	75
Figura 4: Propaganda da premiação da fábrica Ypiranga na Exposição Estadual de 1923.....	80
Figura 5: Comissão organizadora da Exposição Estadual de 1923.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exposições Universais (1851-1915).....	31
Tabela 2: Comércio da província (1853-1863).....	48
Tabela 3: Receita arrecadada (1901-103).....	56
Tabela 4: Valor de exportação do comercio (1904-1906).....	67
Tabela 5: Receita arrecadada de 1903-1906.....	67
Tabela 6: Relação de municípios e expositores (Exposição Nacional de 1908).....	68
Tabela 7: Exposição Estadual de 1923 – relação de municípios, expositores e premiação.....	76
Tabela 8: Tipos de premiação por município na Exposição Estadual de 1923.....	78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2 EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: UMA IDEOLOGIA DO PROGRESSO DO MUNDO PARA O BRASIL	26
2.1 Eventos da civilização	26
2.2 O Brasil civiliza-se: a construção de uma identidade nacional brasileira	32
2.3 Das Exposições Universais aos eventos nacionais: o Brasil no mundo dos espetáculos.	35
3. O PIAUÍ NA ERA DOS ESPETACULOS: EXPOSIÇÕES NACIONAIS E ESTADUAIS	44
3.1 Economia piauiense.....	44
3.2 É preciso modernizar substituindo o velho pelo novo.....	52
3.3 Exposição Nacional de 1908: um balanço da riqueza e do desenvolvimento do Brasil.....	57
3.4 O Centenário da Independência chegou: a Exposição Estadual de 1923.....	71
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
5. FONTES	86
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

1. INTRODUÇÃO

O objeto escolhido para análise são as Exposições Estaduais no Piauí do final do século XIX e início do século XX. Sublimes em seu formato, as Exposições foram eventos de seleção de produtos destinados as Exposições Nacionais que, posteriormente, poderiam representar o Estado do Piauí nas Exposições Universais. Nesse momento, os países aproveitavam para exibir seu desenvolvimento para outras nações, justificando com isso a preocupação na seleção dos produtos enviados para as exposições, pois seriam alvos dos olhares críticos e curiosos dos visitantes que viriam de diferentes partes do mundo.

Meu primeiro contato com o tema das exposições se deu através da leitura da dissertação da autora Cinthia da Silva Cunha, “As Exposições Provinciais do Império na Bahia: a Bahia e as Exposições Provinciais”, onde a autora faz uma abordagem das Exposições Universais do século XIX destacando o seu discurso idealizador de modernidade, civilização e progresso, na tentativa de compreender como esses conceitos foram sendo apropriados pelas Comissões das Exposições Nacionais e Baianas. A autora faz uma análise da Exposição Provincial baiana preparatória a Exposição Internacional de Viena em 1873, onde mostra todo o percurso de elaboração do evento, no intuito de evidenciar os esforços empreendidos para inserir a Bahia aos grandes certames da civilização.

Ao ler a dissertação, o tema me despertou um grande interesse, tendo em vista que abordava elementos que sempre chamaram minha atenção no decorrer do curso, dentre eles posso destacar o processo de modernização que se instalou no Brasil na segunda metade do século XIX e início do XX. Esse primeiro contato se deu por meio do meu professor orientador, Mairton Celestino da Silva, que me apresentou o tema em um momento de muitas dúvidas sob o que pesquisar para realização do trabalho de conclusão de curso. A princípio fiquei um pouco receosa, pois o tema era novo para mim, antes disso nunca tinha ouvido falar a respeito das exposições, além do mais, não existia nenhum trabalho sob os eventos no Piauí. Mesmo com os medos e as incertezas, enveredei por esse caminho e parti em busca de conhecer melhor as exposições, inicialmente com a leitura de alguns trabalhos que abordam o tema.

A segunda obra lida para entrar em contato com as Exposições Universais foi o livro de Francisco Foot Hardman, “Trem Fantasma a modernidade na selva”, nesta obra o autor aborda a fracassada construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Impulsionada pelas inovações tecnológicas do momento, foi um empreendimento grandioso desenvolvido no

meio da selva, a custo de muitas vidas. O autor faz uma relação da construção da estrada de ferro com as Exposições Universais, ambas difusoras do discurso ilusório de progresso ao alcance de todos. Hardman avalia os eventos universais como espetáculos portadores de uma euforia mistificadora, onde os organizadores propagavam uma melhoria da humanidade e a criação de uma sociedade unificada. As Exposições Universais eram a própria materialidade do discurso burguês, que pretendia inaugurar uma nova era de consumo, orgulhando-se de suas produções tecnológicas, que acabavam por modificar o modo de vida dos indivíduos, causando um forte impacto social.

Outra obra que tive contato foi da Lilia Moritz Schwarcz, “As Barbas do Imperador” onde a autora faz uma relação direta das exposições com a política imperial desenvolvida por D. Pedro II na segunda metade do século XIX, um hábil manipulador de signos que procurou criar uma imagem progredida para seu país, mais conhecido pela escravidão e matérias primas. Lilian Schwarcz aponta que o Imperador foi um dos maiores incentivadores das exposições no Brasil, com o desejo de colocar seu país no circuito das nações civilizadas, tentando estabelecer uma relação de proximidade com os países que apresentavam certo progresso tecnológico, sendo as exposições o meio de realizar seu propósito.

A partir dessas leituras percebi que as exposições eram eventos de grande magnitude e que tiveram uma grande receptividade no Brasil ainda no século XIX. Ao pesquisar sobre as Exposições Estaduais no Brasil, percebi que, ao contrário das Exposições Universais, havia poucos trabalhos sobre os eventos estaduais, principalmente no Piauí, onde não encontrei nenhuma referência bibliográfica a respeito do tema. Essa ausência de uma abordagem sobre as exposições no Piauí despertou minha curiosidade em saber se o Estado teria também integrado a essas grandes festas da modernidade, como eram conhecidas as exposições.

Após esse levantamento bibliográfico preliminar, passei à pesquisa da documentação histórica. Primeiramente levantei o que foi possível no Arquivo Público do Estado do Piauí – APEPI Casa Anísio Brito, localizada em Teresina, onde encontrei o Catálogo dos Produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, Catálogo dos produtos Piauienses na Primeira Exposição Estadual do Piauí em 1923; Relatórios do Presidente da Província do Piauí dos anos de 1859 a 1923, publicados anualmente com todas as informações referentes aos principais acontecimentos, política, saúde, educação e economia; Aspectos do problema econômico piauiense, Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado, Revista O Meio e documento sobre o Piauí no Centenário da Independência de 1823 a 1923. Toda essa documentação dava notícia da participação do Piauí nas exposições, transparecendo a

preocupação das autoridades governamentais piauienses em levar o Estado a se fazer presente nos eventos.

Outros lugares pesquisados foram os sites institucionais, como os dos Ministérios, onde encontrei os Relatórios do Ministério da Agricultura, Relatórios do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas¹ e o site da Biblioteca Nacional contendo exemplares da Revista O Auxiliador da Indústria Nacional.² Essa documentação juntamente com a bibliografia levantada pertinente ao tema é que nos ajudará a pensar as exposições no Brasil e mais especificamente no Piauí.

Mas, antes de entrar propriamente no objeto da análise, que é as Exposições Estaduais no Piauí, optei por percorrer primeiramente o caminho das exposições desde sua organização em nível internacional, ou seja, tentei compreender os aspectos formadores das Exposições Universais do século XIX, para em seguida analisar os motivos pelos quais houvera a adesão do Brasil a tais projetos do mundo dito civilizado. A primeira Exposição Universal ocorreu na segunda metade do século XIX, em 1851, na cidade de Londres.³ O evento teve grande repercussão, acolhendo visitantes e expositores vindos de diferentes lugares do mundo. Essa seria somente a primeira de muitas outras exposições realizadas em vários países da Europa e EUA. Isso devido ao prestígio que o país que sediava o evento recebia, pois ao mesmo tempo em que reunia em seu território todas as riquezas de outras nações, tinha a oportunidade de apresentar as riquezas de seu território, fazendo com que fossem do conhecimento de todos.

Sendo assim, as Exposições Universais surgem inicialmente com o propósito de unificação das nações, com feiras onde países de diferentes partes do mundo poderiam compartilhar suas produções e inovações tecnológicas. Entretanto, o propósito inicial das grandes Exposições Universais não seria colocado em prática, uma vez que no decorrer das suas várias edições, o que se observou foi um verdadeiro campo de disputas, com competidores se utilizando de fenômenos visuais do progresso na tentativa de convencer, instruir e divulgar a modernidade burguesa europeia e norte-americana.⁴

¹ Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/ministerial>. Acesso em: 20/06/2016.

² Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/auxiliador-industriacional/302295>. Acesso em: 20/06/2016.

³ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva*/ São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 49

⁴ BARBUY, Heloisa. *A Cidade-exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006 p.17.

Símbolos do exibicionismo burguês, as Exposições Universais significaram também uma das primeiras apresentações de cultura de massas, com a organização de espetáculos populares que contavam com a participação de diferentes camadas da sociedade, com expositores ligados às famílias de elite europeia, outrora vinculadas à pomposidade da aristocracia, agora vislumbradas com a indústria do ferro, com os maquinários e com a vida de empreendedor/explorador das riquezas minerais da África e do Oriente. Eventos que incentivaram uma nova maneira de ver o mundo nas últimas décadas do século XIX e início do século XX sob os moldes do capitalismo, com o surgimento de uma cultura do progresso e da tecnologia, na busca de uma sociedade moderna e civilizada. A inserção de cada nação nesses eventos passou a ser uma obrigação das autoridades políticas, que deveriam incentivar e muitas vezes patrocinar a participação de sua nação nas feiras do progresso.

O Brasil teve sua primeira participação nas Exposições Universais ainda no século XIX, onde enviou produtos para concorrer a Exposição Universal de 1862 em Londres. A partir desse momento, a nação brasileira esteve assiduamente presente nos eventos, tendo uma grande repercussão em seu território, exigindo agora uma maior preparação para levar suas riquezas aos grandes certames. Nesse sentido, o governo imperial passou a incentivar a realização das exposições na capital do país e em todas as províncias do seu território, tendo início as Exposições Nacionais e Provinciais do século XIX.⁵ A partir desse momento, tenta-se romper no Brasil um conjunto de ideias modernizantes no intuito de integrar o país ao conjunto das grandes civilizações europeias.

As ideias modernizantes ganharam mais forças com a Proclamação da República, quando desponta a necessidade de se construir uma identidade para o povo brasileiro. Para isso era preciso integrar todos os indivíduos sobre o mesmo propósito, através da construção de um Estado Nacional. Mas antes era imprescindível conhecer todas as regiões que compunham o território, regiões essas muitas vezes desconhecidas, distantes dos grandes centros urbanos, localizadas nos sertões brasileiros.

Para agrupar essas riquezas regionais, até então pouco conhecidas pelos próprios brasileiros, era necessário reuni-las em um só lugar. Entram em cena as Exposições Nacionais, com o papel de radiografar as riquezas existentes em solo brasileiro, fazer com que essas se tornassem conhecidas tanto em território nacional quanto internacional, a fim de apresentar uma nação com um grande potencial de desenvolvimento.

⁵ Exposições Provinciais assim chamadas os eventos expositivos realizados no período imperial no século XIX. Com a mudança de poder e inauguração do regime republicano as províncias passaram a compor uma Federação sendo chamadas agora de Estados e os eventos passaram a ser chamados de Exposições Estaduais.

Para melhor organizar a participação dos estados brasileiros no envio de produtos para as Exposições Nacionais, cada Estado passou a realizar os eventos locais. As Exposições Estaduais da República seriam as oportunidades de regiões até então esquecidas serem reconhecidas, mostrando seu potencial, organizando e participando das Exposições Estaduais e Nacionais, podendo, inclusive, ganhar premiações e terem seus produtos enviados às Exposições Universais.

Alguns estados da federação brasileira, como o Ceará, Bahia e Piauí participaram dos eventos. A Bahia desde o século XIX participou e realizou as exposições em seu território, já o Piauí, enviou produtos para algumas Exposições Universais no século XIX,⁶ mas só começou a realizar os eventos em seu território no início do século XX. O Estado participou da Exposição Nacional de 1908, que ocorreu no Rio de Janeiro em comemoração aos 100 anos de abertura dos portos⁷ e também realizou uma Exposição Estadual em 1923 em comemoração ao primeiro Centenário da sua adesão à Independência do Brasil, no intuito de apresentar as mudanças ocorridas no Estado, a fim de integrar sua economia as economias nacionais e internacionais.

O Piauí mesmo com um tímido desenvolvimento em seu setor industrial empenhou-se em participar das exposições. Uma das tentativas mais notáveis do desejo de inserção do Piauí no mundo do progresso e da civilização foram as mudanças na sua produção econômica. De acordo com a autora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, até a segunda metade do século XIX, a economia piauiense era basicamente pecuarista, ao lado da criação de gado era desenvolvida uma pequena agricultura. Sua economia tinha um perfil diferenciado das demais regiões. Assim, enquanto o centro-sul se dedicava as atividades de produção do café, o Piauí se fechava na pecuária, perdendo um pouco seu espaço no mercado consumidor.⁸

Para Teresinha Queiroz,

Durante a segunda metade do século XIX, as atividades agrícolas e pecuaristas, na forma como foram desenvolvidas, não se mostraram capazes de possibilitar mudanças econômico-sociais de peso, como ocorreu, no mesmo período, em determinadas áreas do centro-sul. A pecuária e a agricultura de subsistência não apresentaram quaisquer sintomas de mudanças estrutural. Ao contrário, definiu-se um processo de atrofia progressistas, manifesto na ausência de inovações tecnológicas, na falta de abertura de novas fontes econômicas complementares e, fundamentalmente,

⁶ Aprofundaremos essa discussão sobre a participação do Piauí nas Exposições Universais do século XIX no segundo capítulo.

⁸ Sobre o diferenciamento da economia piauiense abordaremos no segundo capítulo.

na decadência da base tradicional, a pecuária, que acentuava cada vez mais seu caráter de atividade de subsistência.⁹

Segundo a autora, somente a partir de 1897 em diante, com o avanço da economia extrativista da borracha de maniçoba, da cera de carnaúba e do babaçu, principais produtos dessa pauta de exportação, que a economia piauiense teria produzido seus primeiros resultados rumo à integração à economia nacional e ao mercado externo¹⁰. Nesse momento a economia piauiense estaria adentrando ao contexto das mercadorias de circulação global e com isso deixando para trás o atraso que perdurou por décadas? Os produtores piauienses teriam abandonado suas antigas atividades consideradas ultrapassadas em favor do progresso civilizacional? A emergência da atividade extrativista não teria se dado em favor do discurso de progresso e desenvolvimento do Governo e da elite piauiense? Por que produtos como o gado e seus derivados, tidos como símbolos do atraso econômico estavam sendo exibidos nas exposições?

Questionamentos como esses que surgiram no decorrer da pesquisa, nortearão o andamento do presente trabalho, que tem por objetivo analisar as Exposições Estaduais no Piauí no final do século XIX e início do século XX. A partir dessa análise buscamos compreender a inserção dos sujeitos do Piauí no contexto mais amplo das transformações econômicas, políticas e sociais que ocorria naquele período que se convencionou chamar de *Belle époque tropical*, onde tais transformações significavam mudanças de posturas e de atitudes frente a um mundo cada vez mais moderno, civilizado e europeizado nos costumes e nos hábitos.

Para compreendermos as exposições, primeiramente precisamos conceituar as palavras civilização, modernidade e progresso, pois o significado de uma palavra está diretamente relacionado às representações e interpretações dadas em um determinado momento histórico, sendo, portanto, construções coletivas e não individuais. Além do mais, elas são peças-chaves para compreendermos as exposições, tendo em vista que ser moderno e civilizado era o desejo daqueles que organizavam e participavam dos eventos.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio a palavra civilização significa

1.O conjunto dos aspectos da vida material e cultural de um grupo social em qualquer estágio de seu desenvolvimento. 2. Essas características no mais alto grau de sua evolução, esp. o progresso alcançado no mundo

⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Economia piauiense: Da pecuária ao extrativismo/* Teresina: EDUFPI, 2006, p.52.

¹⁰ QUEIROZ, Teresinha. *Economia piauiense: Da pecuária ao extrativismo/* Teresina: EDUFPI, 2006, p. 33.

contemporâneo. 3. A cultura (2) própria de um povo, de uma coletividade, numa determinada época. [Pl.: - ções.].¹¹

Podemos perceber que a palavra civilização está estritamente relacionada à ideia de progresso, correspondendo, portanto, a um processo evolutivo onde os sujeitos de uma determinada sociedade deixariam seu estado inferior, em detrimento de um estágio superior, caminhando rumo ao progresso. Civilização pode também estar associada ao termo cultura, que se refere ao conjunto de crenças e valores de um determinado grupo.

Nesse sentido, para o autor Norbert Elias, o conceito de civilização pode sugerir:

(...) A uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conceitos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira de como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo poder judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, não há nada que possa ser feito de forma civilizada ou incivilizada. Daí ser sempre difícil sumarizar em algumas palavras o que se pode descrever como civilização.¹²

Civilização seria, portanto, a expressão que cada sociedade teria de si mesma, pois seus próprios sujeitos seriam os responsáveis por determinarem o que é civilizado ou incivilizado. Norbert Elias acrescenta que definição de civilização nos últimos três séculos representou a compreensão que o Ocidente criou de si mesmo, julgando-o acima das demais tradições culturais e, com isso, forjando um modelo que devia ser seguido por toda a humanidade.

[...] a sociedade Ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas "mais primitivas. Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo e muito mais.¹³

Porém esse conceito variava entre as diferentes nações ocidentais; por exemplo, para os ingleses e franceses, o conceito de civilização possuía um sentido mais amplo, contendo fatos políticos, econômicos, religiosos, morais e sociais, constatando, com isso, que civilização seria um processo incessante e que se movia sempre em direção ao infinito, uma referência explícita ao positivismo e tudo aquilo que exaltava a experiência humana no que diz respeito a seus artefatos materiais. Já os alemães procuravam enfatizar as diferenças nacionais e as identidades particulares de seus grupos, ou seja, as particularidades culturais

¹¹ FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4. Ed. Rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.157.

¹² ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. V.1 – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994, p. 23.

¹³ *Ibid.* p. 23.

como resultado direto das evoluções humanas, propondo assim que civilização esta relacionado a estágios evolutivos da raça humana.¹⁴

Partindo do conceito de civilização dado por Nobeit Elias, conseguimos compreender as exposições como espaço de difusão dessas ideias, pois as produções materiais da humanidade eram levadas para serem divulgadas nesses eventos, no intuito de reduzir toda a humanidade a uma ideia de progresso material que conduziria ao belo, ao civilizado. E civilização é aqui entendido como esse conjunto de práticas e ideias humanas materializadas em ações e objetos dentro de um determinado grupo, que o compreende como sendo superior, criando um modelo a ser seguido pelas demais sociedades.

Tornar-se civilizado seria adotar esse conjunto de atos, pois, segundo Nobeit Elias, a ideia de civilização seria uma prática construída pelos sujeitos de uma determinada sociedade em um dado tempo. Nesse caso, a burguesia nascente que procurava equiparar todas as sociedades ao mesmo grau de desenvolvimento alcançado pelas sociedades européias e, para isso, precisam eles adentrar nos espaços territoriais das nações, remodelarem suas tradições culturais ao estilo europeu e incentivar o prazer pelo trabalho, afinal era pelo trabalho que as sociedades alcançavam o desenvolvimento econômico e social.

Contudo, muitas dessas nações que se apresentavam nas Exposições Universais não apresentavam tal materialização da civilização que se desejava, tornando as exposições um espaço de desigualdade, onde se podiam ver nações exibindo exuberantes maquinários enquanto outras exibiam uma produção rudimentar.

Entendido o conceito de civilização aqui presente, buscaremos conceituar agora o termo modernidade a partir do autor Jacques Le Goff. Para o mesmo, ao longo do tempo, a humanidade criou diferentes conceitos para a palavra modernidade e todos eles demonstrando as transformações que perpassaram a história, principalmente a história ocidental. Porém, o autor destaca que diferente do que muitos pensam a palavra modernidade não significa uma ruptura com o passado, muitos elementos novos e considerados modernos foram forjados através da preservação de elementos antigos. Le Goff acrescenta que esse antagonismo antigo/moderno esteve presente em toda a história do Ocidente e de outras civilizações.

Embora as mudanças históricas, que ocorreram ao longo do tempo, sempre fossem classificadas como ‘modernas’, é bom destacar o peso que a antiguidade tem na emergência dos novos valores modernos. [...] O termo ‘antigo’ é ambíguo, pois pode ter sentido neutro, ou de longínquo, depreciativo ou positivo, isto dependendo do contexto analisado.¹⁵

¹⁴ Ibid. p. 24.

¹⁵ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. p. 167.

O autor ainda distingue três tipos de modernização: a primeira seria uma modernização de forma equilibrada, onde a entrada dos elementos modernos não destrói o antigo; o segundo seria uma modernização por meio de conflitos em que o moderno atinge só uma parte da sociedade, causando assim um conflito entre o antigo/moderno; a terceira seria a modernização por tentativas, que ocorreria por etapas, no intuito de conciliar o antigo/moderno.¹⁶

Essa noção de Le Goff sobre o par antigo/moderno nos ajudará pensar as mudanças ocorridas no sistema econômico do Piauí no final do século XIX e início do século XX, a partir da emergência da produção extrativa com o discurso de substituir a produção pecuária que se encontrava supostamente em decadência. Nesse momento podemos observar um forte interesse das autoridades governamentais em realizar no Estado mudanças que viessem permitir a inserção da economia piauiense em nível nacional e internacional, com isso Le Goff nos dará as bases para formularmos uma compreensão a respeito do par antigo/moderno pecuária/extrativismo na economia piauiense.

Portanto, podemos definir modernidade, de acordo com Le Goff, como um conjunto de modificações nas estruturas das sociedades Ocidentais, a partir de um processo de extrema valorização do cientificismo, resultando no progresso das mentalidades e dos demais aspectos da vida humana como, por exemplo, economia, política e cotidiano.¹⁷ Progresso é aqui entendido, segundo Le Goff, como o desenvolvimento dos meios científicos e técnicos que arrastavam toda a humanidade a civilização. Porém temos que ter cuidado para não tomar essas modificações como uma ruptura com o passado, mas entender que os novos elementos são construídos a partir da valorização dos antigos.

A partir do conceito de modernidade acima descrito, podemos pensar as exposições como resultado desse processo de modernização da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, tendo em vista que os eventos reuniam as mais diversas inovações tecnológicas resultantes do aprimoramento de novas técnicas em decorrência do progresso tecnológico. As exposições serviam como meio de difusão do conhecimento científico, assim os países menos modernos aproveitavam esse espaço para melhorar suas produções materiais por meio dos produtos expostos pelas nações mais modernas. No Brasil, vão se deslançar inúmeras tentativas de implementação de elementos considerados modernos segundo os padrões europeus na intenção de alinhar o país a modernidade em voga na Europa,

¹⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. p. 383.

¹⁷ *Ibid.* p. 385.

um exemplo disso, é a participação do Brasil nas Exposições Universais e Exposições Nacionais.

O trabalho se encontra dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo “EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: uma ideologia do progresso do mundo para o Brasil” o objetivo é dar um panorama sobre as Exposições Universais do século XIX com ênfase nos seus aspectos ideológicos, nas ideias de progresso, modernização e civilização vinculados através desses eventos, para em seguida compreender a inserção do Brasil aos grandes certames. Nesse momento procuro perceber as ideias modernizantes que tentam romper-se no território brasileiro e se materializaram através das reformas urbanas, mudanças econômicas e sociais.

O Governo Imperial, na figura de D. Pedro II será um dos maiores incentivadores na realização das Exposições Nacionais, no intuito de construir para si a imagem de um monarca moderno e preocupado com sua nação. Nesse sentido, percorro os espaços das Exposições Nacionais no Brasil, mostrando todo esse emaranhado de ideologias, destacando também o papel das transformações no país no final do século XIX e primeiras décadas do XX decorrentes da implementação do regime político republicano que ocasionou o surgimento de políticas governamentais voltadas para a construção de uma identidade nacional brasileira, sendo as exposições um dos meios utilizados para efetivação de tal projeto.

No segundo capítulo “O PIAUÍ NA ERA DOS ESPETACULOS: Exposições Nacionais e Estaduais” o objetivo é analisar e compreender a participação do Piauí nas Exposições Nacionais e Estaduais como forma de inserção do Estado as políticas modernizantes republicanas no início do século XX. Nesse momento, procuramos realizar uma discussão a respeito da economia piauiense e suas transformações decorrentes do processo de modernização ao qual o Brasil estava inserido, na intenção de mostrarmos que tais mudanças estavam postas dentro de uma tentativa do Governo piauiense, em consonância com as políticas republicanas, de produzir uma face progredida e civilizada para o Estado. Assim os organizadores das Exposições Estaduais buscaram desenvolver uma nova imagem para o Piauí, no esforço de atrair as demais regiões do país a conhecerem o potencial da região. Só que tal projeto modernizante não surte o tão esperado efeito e sua inserção ao contexto de mudanças nacional se dá com a permanência de antigos elementos considerados atrasados para um país que se pretendia ser civilizado.

2 EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: UMA IDEOLOGIA DO PROGRESSO DO MUNDO PARA O BRASIL

2.1 Eventos da civilização

As Exposições Universais surgem na segunda metade do século XIX com uma grande receptividade no cenário Europeu. Integrar-se a esse projeto em busca do progresso e da civilização de seu país tornou-se um dos objetivos daqueles que faziam parte das Exposições Universais. Francisco Foot Hardman aponta que nesse momento tem-se o surgimento de uma euforia mistificadora, no intuito de legitimar a ideia de unificação das nações sobre o mesmo propósito, de se construir uma cultura que caminhava de braços dados com a modernidade.¹⁸

Participar das Exposições Universais seria a forma de legitimar essa ideia de modernização, sendo de escolha própria de cada nação a decisão de aderir ou não aos eventos. Porém existia uma necessidade dos países se fazerem presentes nesses certames da modernidade, pois neles eram apresentados grandes produtos da ciência, da arte e da indústria, resultados da inteligência e da atividade humana criadora, possibilitando cada país mostrar seu desenvolvimento como também ter acesso a ideias para o melhoramento de sua produção.

Ter acesso a todas as riquezas do globo em um único lugar causava um deslumbramento naqueles que visitavam o espaço das exposições. Um visitante brasileiro da Exposição Universal de Londres em 1851 relata que pela primeira vez que adentrou a exposição não conteve sua admiração por tudo aquilo que viu; os objetos expostos lhe causaram um profundo estado de êxtase, deixando sua imaginação passear pelos mais diferentes objetos expostos. Ao observar todo esse conjunto de riquezas materiais, o visitante aponta a necessidade de realizar em seu país um desenvolvimento material e industrial semelhante ao que estava sendo exposto naquele recinto.¹⁹ Pode-se ver o interesse de inserir o Brasil nas exposições no intuito de compartilhar juntamente com as demais nações o progresso tecnológico e o aperfeiçoamento no uso de novos materiais.

A proposta do Brasil de realizar e participar das exposições do século XIX estava estreitamente aliada ao projeto modernizante da sociedade brasileira, que visava “o

¹⁸ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva*/ São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 56.

¹⁹ O *Auxiliador da Indústria Nacional* Nº 6 de dezembro de 1851, p. 198. Este periódico que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1837-1891 foi um dos maiores divulgadores dos eventos expositivos, tanto nacionais como internacionais.

crescimento e diversificação da economia nacional, mas também crucial para fazer com que passasse a circular, entre nós, um número maior de conhecimentos científicos e tecnológicos”.²⁰ Apesar do Brasil não participar enviando produtos desde a primeira Exposição Universal, o país enviava visitantes para observar e conhecer o espaço das exposições. O Auxiliador da Indústria Nacional de 1851 mostra algumas das orientações repassadas para um observador brasileiro da Exposição Universal de Londres.

1ºQue, se aparecerem na exposição amostras de produtos semelhantes aos nossos, como açúcar, café, tabaco, algodão em rama, anil, baunilha etc., era estado de perfeita manipulação e acondicionamento, haja de informar sobre o processo e maquinismo empregados para se obter aquele estado, transmitindo exemplares ou copias (quando os haja) dos relatórios e descrições que acompanham os referidos produtos, na própria língua em que forem escritos. 2.º Que haja de praticar o mesmo a respeito de quaisquer produtos brutos novos, de quaisquer dos reinos da natureza, mormente do mineralógico, cujo conhecimento ajudado pelos relatórios ou descrições que os acompanham, possam guiar-nos, e servir-nos para o aproveitamento dos que tivermos idênticos [...]²¹

Observa-se que entre algumas das instruções dadas ao visitante da exposição é em relação à coleta de informações sobre inovações na produção agrícola. É nessa euforia mistificadora que se organiza os primeiros eventos universais, e o papel designado para cada nação seria o de produção e exibição de mercadorias. Inicia-se assim uma intensa tentativa de melhoramento daquilo que se produz em seus territórios, no intuito de mostrar-se enquanto um país moderno e desenvolvido. Nesse momento, as inovações tecnológicas de cada país tornam-se o medidor do progresso.

É o que nos mostra Paulo César dos Santos:

As exposições realizavam a aproximação/filtragem entre vários países, por trás destas dicotomias havia muitas expectativas compartilhadas. As exposições validaram e estabilizaram um discurso de progresso da humanidade onde o progresso material seria a base para o progresso econômico. Este discurso se difundiu e contaminou muitas nações em busca de reconhecimento entre os ditos “civilizados”. O progresso material apresentava-se como sendo o caminho para o progresso. Trem, portos, telégrafos etc., apareciam como sendo vetores de mudanças econômicas e o crescimento desta seria fundamental para a industrialização.²²

Com isso, acabou se criando uma competitividade entre as nações, numa corrida para a produção e criação de algo novo que surpreendesse os demais, colocando seu país em

²⁰ FERREIRA, Cristina Araripe. *Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil: a circulação do progresso nas Exposições Universais e internacionais*. Rio de Janeiro, 2011. p.19.

²¹ O Auxiliador da Indústria Nacional Nº 9 de fevereiro de 1851, p. 353.

²² SANTOS, Paulo César. *Um olhar sobre as Exposições Universais*, In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal-RN, 2013. p.11.

destaque. Mas essa competitividade acabava por deixar exposta a grande desigualdade existente entre os países, sendo preciso tomar cuidado para não tomar esse clima de entusiasmo de progresso material como algo homogêneo, pois nem todos os países apresentavam grandes inovações tecno-científicas nas exposições. Hadman aponta que o setor industrial moderno era desenvolvido por uma minoria tanto nas exposições como no cenário europeu. Algumas inovações tecnológicas, como por exemplo, no setor fabril eram expostos ainda como experimentos, sendo essa uma das características das exposições, de apresentar máquinas e novos processos técnicos ainda em fase de desenvolvimento.²³

Os países considerados civilizados eram aqueles que detinham o conhecimento sob o desenvolvimento e aperfeiçoamento de novas técnicas, permitindo a criação e o melhoramento de máquinas que eram expostas como forma de medir o progresso de cada nação. O Brasil ainda não apresentava as características de civilização das nações européias, por não mostrar esse progresso tecnológico em seu setor material e industrial, com inventos de maquinários. Porém se consegue perceber uma indústria nascente no Brasil, onde se aliará para o aperfeiçoamento daquela que é considerada a maior riqueza do país, a produção agrícola.

Essa necessidade de mostrar o progresso, só seria possível por meio da materialidade na produção de mercadorias. Mesmo que fosse ainda em processo de desenvolvimento, o que importava era demonstrar que seu país estava preocupado com o progresso, alinhado a modernidade.

Será modernidade a palavra chave que impulsionará as exposições, já que a mesma trará uma uniformização dos comportamentos e disciplinamento dos corpos. O mundo a partir desse momento é visto por outra ótica, que vai se impondo a todas as classes da sociedade. Um modelo de vida que deve ser seguido e vivido, para que toda a sociedade possa funcionar de forma organizada, rumo ao progresso. Os sujeitos que não se enquadrasse a essa nova perspectiva, eram considerados alheios ao desenvolvimento de seu país.

Cinthia da Silva Cunha mostra que:

Ser moderno, nesse sentido, era ser burguês, adotando os modos e hábitos considerados apropriados, civilizados, europeus. Outras palavras recorrentes naqueles que postulavam a favor das exposições eram: congresso, civilização, progresso, educação, enfim, as exposições do século XIX eram

²³ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva*/ São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 52.

mais uma ferramenta de representação e propagadora do discurso civilizador, do que uma simples feira de curiosidades.²⁴

As Exposições Universais figuravam mais como agentes visuais em prol do progresso na tentativa de divulgar a modernidade burguesa europeia e norte-americana da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, a uma tentativa de homogeneização da sociedade, adotando um modo de vida burguês, não condizendo com a realidade de muitos sujeitos, mas que eram levados a aderirem esses novos hábitos por serem considerados civilizados. No Brasil em finais do século XIX, vê-se o surgimento de medidas políticas voltadas para a inserção desses sujeitos, considerados incivilizados, à sociedade capitalista. Compreender as Exposições dentro desse contexto de modernidade vivenciado na Europa é perceber a intencionalidade dos organizadores e participantes desses espetáculos do progresso. Entender que o grito de ordem era vindo da burguesia, e que esses eram os portadores de todo o aparato técnico científico em desenvolvimento. Uma minoria que detinha o progresso em suas mãos, que ludibriava o restante da nação, na ilusão de um progresso coletivo.

Com o tempo as Exposições Universais perderam sua função, deixaram de ser eventos de difusão do conhecimento científico na busca de unificação das nações para se tornarem palco de exibição e competição. O lúdico toma espaço nesses eventos, e o maquinismo torna-se o principal espetáculo, mostrando a desigualdade entre as nações.²⁵ Lilia Moritz Schwarcz, nos mostra que a cada feira a competição aumentava, tanto entre os países participantes, como entre aqueles que sediavam os eventos. Criavam-se monumentos para abrigar as exposições, com variedade de pavilhões, estilo arquitetônico do mais moderno, feito de materiais que representavam o progresso, como o vidro e o ferro. Fantasmagorias do mundo dos espetáculos, destinadas a encantar e iludir os visitantes das Exposições²⁶. Tudo isso em função de uma ostentação perante os outros países. A autora ainda acrescenta, que “as feiras mais se pareciam com orgias da modernidade, já que cidades monumentais eram levantadas para ser destruídas em seguida, e o espetáculo que se acabara de montar desabava diante de todos.”²⁷

²⁴ CUNHA, Cinthia da Silva. *As Exposições Provinciais do Império: A Bahia e as Exposições Universais (1866 a 1888)*. / Salvador, 2010. p. 16.

²⁵ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva*/ São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 16.

²⁶ *Ibid.* p. 291.

²⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. / São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 552.

Hardman fala em cidades fantasmas, resultantes do abandono das grandes construções após suas exibições nas exposições. Tudo isso, consequência de uma modernidade veloz, ao movimento que se levantavam grandes edifícios monumentais, também eram destruídos ou abandonados. Aqueles que visitavam os espaços das exposições ficavam vislumbrados pelas novas ideias em voga, pelas novas tecnologias, que mudavam o ritmo do mundo na segunda metade do século XIX. Segundo Marshall Berman, partilhar de todo esse conjunto de experiências, dentro de um tempo e espaço, é ser moderno. Mas essa modernidade, ao mesmo tempo em que nos traz a aventura da transformação, do crescimento, do novo, acaba por tentar eliminar tudo o que temos, que sabemos e somos. Ao mesmo tempo em que une as pessoas no mundo, eliminando fronteiras geográficas, raciais e de classe, nos coloca em um ambiente conflitante, de ambiguidade. Uma modernidade meio contraditória, onde “tudo o que é sólido desmancha no ar.”²⁸

As Exposições Universais se configuravam como esse espaço moderno contraditório, pois à medida que apresentavam um projeto de sociedade universal, com avanços tecnológicos e científicos, excluía desse projeto as comunidades e indivíduos considerados atrasados, que não se enquadravam a essa nova realidade. O que se pode observar das Exposições Universais, é a própria materialidade da exibição da civilização burguesa, que limitava a multiplicidade das sociedades ao que estava sendo apresentado nas exposições, sendo que nem todas as sociedades estavam presentes, mas apenas um esboço do que se desejava.²⁹

O progresso reunia, pois, experiências e expectativas afetadas por um coeficiente de variação temporal. Um grupo, um país, uma classe social tinha consciência de estar à frente dos outros, ou então procuravam alcançar os outros ou ultrapassá-los. Aqueles dotados de uma superioridade técnica olhavam de cima para baixo o grau de desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos. Na hierarquia dos estamentos via-se uma classificação estática, que o impulso as classes progressistas deveriam ultrapassar.³⁰

As exposições figuravam como um espaço múltiplo, abrigando sujeitos vindos de diferentes lugares do globo. O forte atrativo dessas “festas da modernidade” representava sua relevância econômica e sociocultural.³¹ Isso explica o motivo das Exposições terem ocorrido

²⁸ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*/ São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986. p. 9.

²⁹ CUNHA, Cinthia da Silva. *As Exposições Provinciais do Império: A Bahia e as Exposições Universais (1866 a 1888)*. / Salvador, 2010. p. 30.

³⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. Puc-Rio, 2006. p. 317.

³¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. / São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 554.

em várias edições, em diferentes países, todas com um grande público expositor e visitante. Os principais países-sedes se encontravam na Europa, com exceção dos Estados Unidos da América. Segue abaixo tabela que demonstra o grande número do público visitante e expositor nas Exposições Universais:

Tabela 1: Exposições Universais (1851-1915)

Data	Local	Número de expositores	Número de visitantes (em milhões)
1851	Londres	13.937	6,0
1855	Paris	20.839	5,2
1862	Londres	28.653	6,2
1867	Paris	43.217	6,8
1873	Viena	25.760	7,3
1876	Filadélfia	60.000	9,9
1878	Paris	52.835	16,0
1889	Paris	61.722	32,3
1893	Chicago	_____	27,5
1900	Paris	83.000	48,1
1904	Saint-Louis	_____	19,7
1915	San-Francisco	30.000	18,9

Fonte: F. F. HARDMAN, *Trem fantasma*, 1988, p.50.

O primeiro evento universal aconteceu em 1851, o local escolhido para realização foi a cidade de Londres na Inglaterra. O objetivo da Exposição Universal, segundo Cunha, seria um congresso entre as nações para troca de relações diplomáticas ou comerciais para a unificação dos povos, fazendo com que a prosperidade estivesse ao alcance de todos sendo batizada de “A Grande Exposição dos Trabalhos das Indústrias de todas as Nações.”³² A Exposição contou com o patrocínio da monarquia inglesa e da burguesia industrial da Inglaterra.

A Exposição de Londres de 1851 criou e modelou todo um imaginário sobre a modernidade. O maior símbolo de modernidade presente nessa Exposição foi o Palácio de Cristal, todo feito com ferro e vidro, construído em apenas um ano. A construção monumental

³² CUNHA, Cinthia da Silva. *As Exposições Provinciais do Império: A Bahia e as Exposições Universais (1866 a 1888)*. / Salvador, 2010. p. 121.

mostrava o uso de novos materiais, bem como de uma nova técnica, que permitia criar uma ampliação da sensibilidade visual para os frequentadores do evento.

Marshall Berman em suas reflexões em “*Tudo que é sólido desmancha no ar*” analisa o Palácio de Cristal como sendo símbolo da modernidade. A estrutura gigantesca que poderia ser desmontado com a mesma facilidade com que foi montado simbolizava a modernidade onde tudo se volatiliza [...]. Os prédios faziam parte do próprio espetáculo da nova era tecnológica que as exposições pretendiam forjar. A cada nova Exposição, surgia um novo prédio ou monumento para mostrar o progresso material da cultura ocidental.³³

A Exposição Universal de 1851 foi apenas a primeira edição de uma série de eventos expositivos que se desenvolveram na Europa, trazendo para o centro desses países em desenvolvimento o desejo de expandir seu comércio com mais consumidores como também com produtos até então desconhecidos. Em 1855 foi a vez de Paris, 1862 Londres, 1867 Paris, 1873 Viena, 1876 Filadélfia, 1878 Paris, 1889 Paris, 1893 Chicago, 1900 Paris, 1904 Saint-Louis, 1915 San-Francisco.³⁴

Para Lilian Moritz Schwarcz, entre todas as Exposições Universais do Século XIX, a que mais difundiu o discurso de modernidade foi a Exposição Universal de Paris de 1889, comemorativa ao Centenário da Revolução Francesa. Essa exposição teve um forte poder de vinculação da imagem de progresso material por meio dos edifícios construídos para abrigar o evento, como por exemplo, a Torre Eiffel, que atraiu os olhares atentos e curiosos dos visitantes encantados com a obra toda feita de ferro.³⁵

2.2 O Brasil civiliza-se: a construção de uma identidade nacional brasileira

A preocupação de se construir uma identidade nacional brasileira nasce com a institucionalização do Estado Nacional, o caráter de delinear um perfil próprio para a Nação se torna o tema principal de muitos intelectuais que passam a discutir a necessidade de uma história nacional que “deveria dar conta da totalidade, construindo a Nação em sua diversidade e multiplicidade de aspectos.”³⁶ Só que a produção historiográfica referente a história nacional ficará marcada durante um longo período por uma forte carga elitista. Sendo

³³ SANTOS, Paulo César. *Um olhar sobre as Exposições Universais*, In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal-RN, 2013 p. 2-3.

³⁴ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva*/ São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 291.

³⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. / São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 567.

³⁶ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico, Brasileiro e o projeto de uma história nacional: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. N. 1, 1988. p.16.

assim, a produção do discurso historiográfico desempenhará um papel de seleção dos indivíduos que irão compor o corpo dessa nação. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) representa de forma explícita essa ideia de elaboração de uma história nacional excludente, como salienta Manoel Luís Salgado Guimarães.

A leitura da história empreendida pelo IHGB está, assim, marcada por um duplo projeto: dar conta de uma gênese da Nação brasileira, inserindo-a, contudo numa tradição de civilização e progresso, ideias tão caras ao iluminismo. A Nação, cujo retrato o instituto se propõe traçar, deve, portanto, surgir como o desdobramento, nos trópicos, de uma civilização branca e europeia. Tarefa sem dúvida a exigir esforços imensos, devido à realidade social brasileira, muito diversa daquela que se tem como modelo³⁷.

A intenção do IHGB era fazer uma história nacional que buscasse as origens da nação brasileira, como apontado anteriormente, porém dentro desse projeto procurava construir uma Nação civilizada e progredida, espelhando-se nas civilizações européias. No entanto, a realidade brasileira muito se diferenciava do modelo adotado requerendo grandes ânimos para aparentar uma semelhança com as demais nações. Em vista disso, eram excluídos do projeto nacional aqueles sujeitos que não representavam a ideia de civilização, pois a Nação deveria ser representante da civilização e esses sujeitos acabavam por macular a imagem do Brasil. Forja-se então uma nacionalidade brasileira, onde só estava incluso os sujeitos brancos e letrados, enquanto índios e negros eram deixados de fora da Nação.³⁸

A preocupação estava em se construir uma Nação que estivesse ligada por uma unidade territorial, política, econômica e cultural. E para a efetivação de tal ousado projeto, era necessário conhecer melhor todas as regiões localizadas em território brasileiro, e nada melhor para a realização desse mapeamento das riquezas regionais do que as exposições, onde se podia reunir todas essas riquezas em um único lugar.

Entendemos as exposições e seus discursos como parte de uma série de dispositivos usados no século XIX, tais como a educação, o magistério, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e outras instituições como sendo parte integrante e simultânea de uma tentativa de delimitar e formatar o espaço brasileiro, mapeando a riqueza nacional. Nesse processo, as exposições da indústria nacional faziam parte desse discurso, mas elas próprias também geraram discursos próprios com particularidades outras.³⁹

Ao catalogar toda a riqueza nacional para em seguida ser apresentada nas Exposições Universais, o Brasil buscava um lugar entre os países civilizados, com seu vasto território e

³⁷ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e civilização nos trópicos*: O Instituto Histórico e Geográfico, Brasileiro e o projeto de uma história nacional: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. N. 1, 1988. p.08.

³⁸ Ibid. p.7.

³⁹ SANTOS, Paulo César dos. *Produtos da terra*: tempo, espaço e técnica nas Exposições Industriais (1861-1822). Fortaleza, 2016. p. 19.

uma grande diversidade de riquezas naturais, o país precisava primeiramente realizar uma universalização entre as mais distantes províncias. Porém o projeto modernizante colocado em prática no país evidenciou seu diferenciamento em relação aos países europeus. O Brasil procura se espelhar nas nações européias, só que o cenário brasileiro do século XIX não refletia a imagem desejada e as exposições apenas demonstraram essa diferença entre as nações do globo.

Com a proclamação da República, a ideia de se construir uma identidade nacional brasileira ganha forças; era preciso despertar o sentimento de pertencimento do povo brasileiro nesse momento de transformações políticas, econômicas e sociais, mesmo que muitas vezes fosse preciso forjar uma unidade cultural e uma comunhão de interesses inexistentes. Foi assim que se construiu a história da nação brasileira, excluindo dela a diversidade de culturas existentes no país.⁴⁰

As transformações do final do século XIX exigiam adotar medidas que viessem dar conta de se construir um novo conjunto de valores. A abolição da escravatura, a proclamação da República e o desenvolvimento industrial e urbano trouxeram mudanças que afetaram a forma de pensar e de organizar a sociedade brasileira. Essas mudanças impulsionaram uma maior integração brasileira à economia capitalista mundial, com um maior fluxo de capital e de força de trabalho.

Porém a abolição da escravatura teria ocasionado um problema de ordem social para a nação que se pretendia mostrar civilizada, pois era preciso inserir esses novos sujeitos livres à sociedade republicana. Sidney Chalhoub, mostra que para que esses sujeitos viessem a tornarem-se cidadãos era preciso educá-los, no sentido de transmitir-lhes a ideia de que o trabalho era o valor supremo da vida em sociedade, o trabalho era o principal elemento da vida civilizada.⁴¹

O autor ainda acrescenta que era o trabalho que iria despertar o sentimento de nacionalidade, ajudando a superar a “preguiça” e a “rotina” do período colonial e abrir as portas do país para a entrada de costumes considerados civilizados e também de capital das nações européias mais avançadas.

Todos esses fatores contribuíram de certa maneira para evidenciar as diferenças existentes no Brasil e seu diferenciamento em relação aos outros países considerados civilizados. O progresso e a civilização precisavam criar raízes no país, para que fossem

⁴⁰ RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1910*. 3ed. São Paulo: Editora Autora, 2010. p. 23.

⁴¹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001. p. 69.

superados todos os hábitos do passado rural por outros, urbanos. “Parte das elites políticas e dos intelectuais brasileiros passou, por isso, a acreditar que tudo precisava ser modificado e a Nação, reinstituída.”⁴²

O projeto era ousado e requeria a participação e o empenho de toda a população brasileira, contudo essas tentativas de civilização e modernização não foram postas em prática da maneira que foram pensadas. A crença de que a proclamação da república nos tiraria de um cenário de atraso, de escravidão, de pobreza, e nos colocaria enfim no caminho da modernidade, pouco a pouco foi perdendo suas forças, “todos os intelectuais que apostaram na transformação do país, sonoramente anunciadas pela inauguração da República, foram paulatinamente perdendo suas apostas ao longo do período entre 1889 a 1914”.⁴³ José Murilo de Carvalho, aponta que a Proclamação da República não demonstrou grandes mudanças do ponto de vista político, tendo em vista que os presidentes das antigas províncias passaram a ser eleitos pela população.⁴⁴

As Exposições Nacionais que também surgiram com o discurso de progresso material, perderam sua ideia inicial, pois esse discurso não era compactuado com todos, era a elite brasileira a detentora de todo esse aparato ideológico, que tentava impôr ao restante da população. A ideia de civilização que prevalecia era de um pequeno grupo da elite brasileira, que queria impôr tais práticas modernizantes ao restante da população.

2.3 Das Exposições Universais aos eventos nacionais: o Brasil no mundo dos espetáculos.

O Brasil não ficou de fora desses eventos, e passou a fazer parte das Exposições Universais do século XIX. Sua participação se deu a partir da exposição de 1862 em Londres, em seguida o país participou das exposições de 1867 (Paris), 1873 (Viena), 1876 (Filadélfia) e 1889 (Paris)⁴⁵. Existe um consenso na historiografia brasileira a respeito da entrada do Brasil nas Exposições Universais, autores como Francisco Foot Hardman, Lilia Moritz Schwarcz e Cíntia da Silva Cunha entendem que a participação oficial do Brasil se deu na Exposição de

⁴² RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1910*. 3ed. São Paulo: Editora Autora, 2010. p. 23.

⁴³ SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz. (Org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Vol 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 241.

⁴⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 41.

⁴⁵ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva*/ São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 67.

Londres em 1862, mas, existem discussões sobre a presença de produtos brasileiros em exposições anteriores.

Paulo César dos Santos aponta que a confusão pode estar no fato de que desde a primeira Exposição Universal em 1851, o Brasil havia mandado alguns observadores para os países sedes, como forma de conhecer primeiro os eventos, ver o que estava sendo exposto e discutido, para em seguida integrar-se. O fato do Brasil entrar para as Exposições Universais somente a partir da terceira edição, não significava que o governo imperial estivesse alheio aos eventos, ao contrário, esse foi um dos maiores entusiastas e patrocinadores das feiras, “é nessa mesma época que nosso imperador começa a investir, mais e mais, em uma imagem “progredida” para o país no exterior”⁴⁶.

Santos nos explica um possível motivo do Brasil não ter participado desde as primeiras exposições:

Os cientistas reclamavam que o progresso material realizado no país ainda não nos permitia participar de forma digna das Exposições. A falta de instituições para fomentar a indústria nacional e até mesmo promover exposições nacionais foram fatores que levaram o Brasil a não participar de forma oficial dos primeiros eventos, que além de tudo exigiam grandes somas de dinheiro e pouco retorno.⁴⁷

Antes de adentrar oficialmente ao mundo dos espetáculos, o país começou a realizar eventos nacionais, como forma preparatória para os eventos universais. As Exposições Nacionais seria uma forma de radiografar as riquezas existentes no território brasileiro, para isso, se fez necessário mobilizar as províncias para realização dos eventos em seus territórios, na tentativa de selecionar os produtos que seriam enviados para os eventos.

A primeira Exposição Nacional ocorreu em 1861, preparatória à Exposição Universal de Londres em 1862, uma forma de conhecer e avaliar os produtos nacionais e industriais que dispunha o Brasil antes de participar da Exposição em Londres, tendo em vista que essa seria a primeira vez em que o Brasil iria ser representado nas grandiosas festas da indústria.⁴⁸ Além do mais, era preciso despertar o gosto dos brasileiros para essas “lutas

⁴⁶ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva/* São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 547.

⁴⁷ SANTOS, Paulo César. *Um olhar sobre as Exposições Universais*, In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal-RN, 2013. p.14.

⁴⁸ Relatório da repartição dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas apresentado a Assembléa Geral Legislativa na segunda sessão da décima primeira legislatura pelo respectivo ministro e secretário de estado Manoel Felizardo de Souza e Mello. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. Rua dos Inválidos, Nº 61 B, 1861, p.13.

pacíficas da indústria” onde não existiam perdedores, pois todos ganhavam em participar, mesmo aqueles que não eram premiados.

Depois, convinha desenvolver entre nós o gosto para estas lutas pacíficas da indústria, em que o vencedor recebe o justo prêmio por seus esforços, aplicação e inteligência, e o vencido encontra, além de proveitosa lição, estímulos para melhorar seus produtos, firmando-se assim a emulação, sem a qual não é possível o progresso, e a prosperidade da indústria e das artes.⁴⁹

Inicialmente, pensou em se realizar exposições dos produtos brasileiros tanto na capital do Império como nas províncias, facilitando com isso o mapeamento das riquezas regionais do país. A ideia era de que cada província pudesse expor seus produtos, para em seguida fazer parte da Exposição Nacional no Rio de Janeiro. O periódico “O Auxiliador da Indústria Nacional” sob direção do Dr. Frederico Leopoldo César Burlamaque, defende a importância do Brasil se fazer presente nesses eventos, considerando que sua participação contribuiria para o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria do país. Por meio das exposições seria possível fazer um inventário das riquezas brasileiras para em seguida aperfeiçoar suas produções.⁵⁰

Entretanto, realizar os eventos em cada província requeria grandes gastos, optando o governo em designar alguns centros expositores. Assim as províncias circunvizinhas poderiam levar seus produtos para ser expostos. As províncias escolhidas foram Bahia, Pará, Pernambuco, S. Pedro do Sul e Minas Gerais. Podemos observar que as províncias escolhidas como polos expositores se localizavam em diferentes regiões brasileiras, o que ajudava a reunir as riquezas dos quatro cantos do país, contemplando uma maior variedade de produtos, demonstrando com isso a preocupação do Governo Imperial de rastrear o território brasileiro, a fim de melhor implementar sua política modernizante nessas regiões. Confiantes no potencial das riquezas naturais do país, que dariam uma ideia de quão prospera era a nação brasileira, a única preocupação estava com a indústria, que não tinha os aspectos das civilizações europeias e não teria tempo suficiente para a nascente indústria brasileira se apresentar como desejaria na exposição.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos participantes da Exposição Nacional, devido ao curto espaço de tempo que dispunham e a distância existente entre as províncias, o ministro Manoel Felizardo de Souza e Mello, em relatório de 1861 a Assembleia

⁴⁹ Relatório da repartição dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas apresentado a Assembléa Geral Legislativa na segunda sessão da décima primeira legislatura pelo respectivo ministro e secretário de estado Manoel Felizardo de Souza e Mello. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. Rua dos Inválidos, Nº 61 B, 1861. p.14.

⁵⁰ O Auxiliador da Indústria Nacional de 15 de janeiro de 1861 , p. 43.

Geral Legislativa revela que não faltou esforços da população, que de forma entusiasmada juntamente com membros do governo, venceram todas as dificuldades, obtendo um resultado superior ao esperado, com grande número de expositores e visitantes. Foi nomeada uma comissão para estar à frente da Exposição Nacional, que ficou responsável pela elaboração dos regulamentos que regeria a exposição, a escolha do edifício onde ocorreria o evento e a recepção e organização dos objetos enviados pelas províncias, entre outras funções.

A Exposição Nacional ficou aberta ao público visitante por 46 dias, durante esse período a exposição foi visitada por 50.703 pessoas, entre elas o Imperador D. Pedro II que realizou a abertura do evento. Não podendo ser prorrogada o tempo de abertura da exposição, devido à necessidade de se preparar os objetos escolhidos para concorrer na Exposição de Londres, o evento foi encerrado no dia 16 de janeiro de 1861. Os resultados obtidos na primeira Exposição Nacional do Brasil deixaram seus organizadores e colaboradores entusiasmados para participarem e organizarem mais exposições semelhantes à primeira. “Agora cumpre-se em nos esforçar para que esta ideia não morra entre nós: parecendo-me conveniente começar desde já a preparar os meios de realiza-la no país em periodos certos, e de duração mais ou menos aproximadas.”⁵¹

O ministro da agricultura Pedro de Alcantara Bellegarde, em relatório de 1862, ao falar da Exposição Universal de Londres, destaca também a importância do comparecimento do Brasil nessas grandes festas da indústria, tendo em vista que contribuirá para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da indústria do país. Além do mais, a presença do Brasil na exposição de Londres demonstrou o potencial das riquezas naturais do país e sua inclinação para o desenvolvimento industrial.

Pela primeira vez foi o Brasil representado nessas grandes lições da indústria, instituídas na Europa para fomentar e desenvolver todas as indústrias. [...] A concorrência do Brasil foi devidamente apreciada tanto pela nação inglesa, como por todos os visitantes da Exposição Universal. Suas riquezas naturais fizeram firmar cada vez mais o juízo que a Europa já formava acerca dos inúmeros meios de prosperidade que o império possui; e alguns experimentos de sua nascente indústria, provaram claramente sua aptidão para todas as artes mecânicas. [...] Os bons resultados da Exposição Nacional do ano passado, e o benigno acolhimento que os nossos produtos apresentados na exposição Universal alcançaram, nos devem animar a

⁵¹ Relatório da repartição dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas apresentado a Assembléa Geral Legislativa na segunda sessão da décima primeira legislatura pelo respectivo ministro e secretário de estado Manoel Felizardo de Souza e Mello. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. Rua dos Inválidos, Nº 61 B, 1861, p. 17.

continuar a desenvolver uma instituição, de que outras nações tem tirado tão grande proveito, e em que o país entrou sob tão feliz auspícios.⁵²

No ano de 1866 foi realizada a segunda Exposição Nacional no Brasil, preparatória a Exposição Universal de Paris em 1867. A exposição teve sua abertura no dia 19 de outubro e foi encerrada no dia 16 de dezembro do referido ano. Somente as províncias de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Alagoas não participaram enviando produtos para a exposição, justificando a ausência decorrente de problemas que dificultaram o envio dos produtos a tempo para ser exibidos. A Exposição Nacional contou com 2.374 expositores que levaram 20.128 artigos, superando a quantidade de produtos e expositores da primeira Exposição Nacional de 1861. O número de visitantes teria também superado o da primeira exposição, demonstrando a receptividade dos eventos entre aqueles que aderiram ao projeto de desenvolvimento da indústria e das forças produtivas do país. Porém, o Ministro da Agricultura Manoel Pinto de Souza Dantas, ressalva que somente os produtos apresentados na exposição não seriam suficientes para apontar o progresso alcançado pela indústria, deixando claro em sua fala que esses superaram o exibido no evento.⁵³

A tentativa de apresentar uma nação exuberante e moderna vai estar presente o tempo todo na fala dos idealizadores dos eventos no Brasil. O propósito era dar uma ideia das riquezas existentes no país, para em seguida entrar no mercado de circulação das indústrias europeias. Por esse motivo, a Exposição Nacional contou com a participação de outros países, como a Inglaterra e os Estados Unidos que expõem algumas máquinas. Assim, na mesma medida que os produtores brasileiros poderiam melhorar suas produções por meio da incorporação do maquinário estrangeiro, também poderia mostrar seu progresso industrial. Outro elemento que é ressaltado a todo tempo pelos defensores das exposições é a ideia da existência de um sentimento nacionalista entre os sujeitos que fazem parte dos eventos, onde o desempenho desenvolvido para a reunião de todos os produtos da nação brasileira seria o resultado do patriotismo de seus cidadãos.⁵⁴

Em 01 de janeiro do ano de 1873 foi inaugurada a terceira Exposição Nacional, encerrando no dia 03 de fevereiro. A exposição contou com um público de 49.996 pessoas que circularam pelo certame durante os 33 dias que esteve aberta. Após o parecer do júri, os

⁵² Relatório que devia ser presente a Assembléia Geral Legislativa na terceira sessão da décima primeira legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas Pedro de Alcântara Bellegarde. Rio de Janeiro. Typographia Perseverança. Rua do Hospício, Nº 99, 1862, p. 13-14.

⁵³ Relatório apresentado a Assembléia Legislativa na primeira sessão da décima terceira legislatura pelo Ministro e Secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas Manoel Pinto de Souza Dantas. Rio de Janeiro. Typographia Perseverança. Rua do Hospício, Nº 99, 1866, p. 90.

⁵⁴ O Auxiliador da Industria Nacional agosto de 1866, p. 316.

produtos escolhidos foram embalados e enviados para serem exibidos na Exposição Universal de Viena. Não muito deferente das exposições anteriores, a terceira Exposição Nacional tinha o carácter de mostrar o desenvolvimento industrial do país nos últimos anos, convocando todas as províncias a se fazerem presentes no evento.

Dois anos depois, foi inaugurada a quarta Exposição Nacional, exatamente em 02 de dezembro de 1875, ficando aberta por 45 dias. E em 1888 ocorreu a quinta Exposição Nacional. Os eventos de nível nacional e de carácter provincial ganharam a mesma roupagem dos universais. Lilia Moritz Schwarcz salienta que o carácter de construir a imagem de um país civilizado, teve todo o apoio do Imperador D. Pedro II, que durante esse período incentivou e investiu em recursos para a realização das feiras. Sua motivação estava no intuito de desconstruir a imagem do Brasil que se tinha no exterior, de um país atrasado, onde predominava a escravidão e mostrar-se como defensor do progresso de seu país. Assim o entusiasta D. Pedro II cria uma política voltada para estimular a produção e desenvolvimento da nação, apresentando o Brasil como uma nação rica e com grande potencial econômico em desenvolvimento.

Santos salienta que o Brasil ao buscar seu lugar entre as nações civilizadas, se deparou com um vasto território com uma grande diversidade nas províncias. Era necessário uma universalização da nação, uma unificação entre as diferentes partes de seu território, onde só seria possível por meio do Estado Nacional. Deveria construir no Brasil um discurso/imagem que abrangesse toda a sua pluralidade de forma que o particular fosse submetido ao todo.⁵⁵ E esse discurso/imagem de um país moderno e civilizado foi criado, tendo todo apoio da monarquia, na figura do imperador, que patrocinou a participação do Brasil nas exposições. Assim, para além de um país de bananas e produtos tropicais, o Brasil se apresentaria como nação exuberante e mestiça em desenvolvimento.

Mas a malograda tentativa do imperador não surtiria efeito, e o Brasil continuaria a viver sob o constante estigma de um povo atrasado a viver perpetuamente suas desventuras nos trópicos.⁵⁶ Contudo, o aparente insucesso de D. Pedro II contrastará com a efetiva receptividade que a proposta das exposições ganhará no início da República. As Exposições Nacionais e Estaduais emergem no contexto da virada do século XIX para o século XX com o

⁵⁵ SANTOS, Paulo César. *Um olhar sobre as Exposições Universais*. IN: Anais XXVII Simpósio Nacional de História, Natal-RN, 2013. p.12.

⁵⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. / São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 623.

objetivo de evidenciar, aos olhos dos europeus, os momentos de transformações sociais, políticas e, sobretudo, econômicas que o Brasil estava conquistando.

Nesse momento o Brasil estava vivendo o alvorecer da República, que veio substituir o antigo sistema político monárquico. As Exposições seriam, portanto, a mais nítida incorporação do Brasil a modernidade, ao capitalismo e a civilização que se avizinhava durante a construção da *Belle Époque* nos trópicos. O discurso que prevalecia, era de progresso, desenvolvimento e civilização, organizar os eventos seria uma maneira de apresentar as riquezas desconhecidas de seus estados.

Era necessário consolidar o regime republicano, e isso só seria possível por meio de uma modernização dos espaços, rompendo com tudo que lembrasse o Império. Assim o Brasil passa a copiar a Europa, modelo de civilização, e o Rio de Janeiro se torna “um campo de experimentação que servia de espelho ao restante do país.”⁵⁷

Nicolau Sevcenko acrescenta que esse processo de modernização não ficou restrito apenas aos espaços, atuando também no campo das mentalidades, onde procurou implementar uma ruptura com a sociedade tradicional, negando qualquer elemento da cultura popular que pudesse manchar a ideia de civilização, expulsando do centro das cidades os elementos considerados incivilizados, reservando esses espaços para a burguesia:

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia que pudesse se opor a ela. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose (...): a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.⁵⁸

O discurso presente após a proclamação da República poderia até ser de civilização e modernização, tanto dos espaços físicos como dos costumes tradicionais, mas a realidade era outra, e nem todos os sujeitos compactuavam desse projeto. A ideia de civilização que prevalecia era da burguesia, que a todo custo queria mascarar as mazelas e desigualdades sociais presentes na sociedade republicana, apagando das cidades e da mentalidade das pessoas, tudo que lembrasse o período monárquico, fazendo com que todos acreditassem em

⁵⁷ NETO, Marcelo de Sousa. *Entre o social e o material: sociedade e modernização dos espaços na Primeira República brasileira*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. p.2.

⁵⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.43.

um progresso imaginário. Assim diferentes cidades, entre elas o Rio de Janeiro, adotaram uma política de embelezamento dos espaços públicos, empurrando para os subúrbios a população pobre, na tentativa de mostrar-se civilizada:

De fato, assistiu-se a implantação dos espaços urbanos segregadores, em que a população pobre era empurrada cada vez mais para os subúrbios, a exemplo do que fez o prefeito Haussmann, em Paris, pois, a ordem do dia era embelezar as cidades, como forma de mostrar-se civilizado e atrair investimentos, e assim, a cidade do Rio de Janeiro torna-se o canteiro de obras preferido do governo republicano, em que os principais campos de trabalho foram à construção de ferrovias, os projetos urbanísticos de embelezamento e infra-estruturais.⁵⁹

Tais mudanças urbanísticas, também adentraram o território do Piauí. Se compararmos com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, a capital do Piauí teve seu processo de transformação dos espaços urbanos num período posterior, mas isso não significa que Teresina não passou por esse processo de modernização dos espaços. De acordo com Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, vê-se surgir em Teresina os primeiros sinais do progresso, por meio de algumas novidades como o transporte, as novas formas de lazer, os hábitos, a higiene. Porém essas transformações se deram dentro de um ambiente de segregação, onde as melhorias advindas do progresso não eram acessíveis à maioria da população.⁶⁰

A República veio com todo o esforço de desconstruir a ideia do “Brasil pitoresco”, não aderir as transformações mercadológicas, urbanísticas e comportamentais da modernidade, significava ficar de fora do mundo civilizado e industrial, assim os governos e as elites implementaram práticas nacionais modernizantes importadas da Europa. “Pouco a pouco, os setores médios urbanos eram seduzidos a participar do circuito de consumo de bens materiais e simbólicos que definiam as fronteiras da *belle-époque*.”⁶¹

Em meio a todo esse contexto de transformações, era preciso celebrar o progresso do país no decorrer das últimas décadas. Para isso foi organizada, no ano de 1908 uma Exposição Nacional, em comemoração pela abertura dos portos do Brasil ao mercado internacional. A Exposição Nacional de 1908 foi montada aos moldes das Exposições Universais, objetivando dissipar “as sombras que impediam a visibilidade do Brasil

⁵⁹ NETO, Marcelo de Sousa. *Entre o social e o material: sociedade e modernização dos espaços na Primeira República brasileira*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005 p. 2-3.

⁶⁰ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 27.

⁶¹ BORGES, Maria Eliza Linhares. *Representações do Brasil Moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos Museus Comerciais europeus, 1906 a 1908*. História vol. 26, nº. 2, Franca 2007. p. 5.

moderno, cosmopolita, hospitaleiro e economicamente promissor.”⁶² Além disso, celebrar o desenvolvimento do comércio, apresentando as riquezas do país.

A Exposição Nacional de 1908 surge com a finalidade de fazer um inventário de todo o território brasileiro para os próprios brasileiros, já que nos últimos anos o país havia passado por mudanças que possibilitaram uma maior interação econômica e cultural com um mundo mais urbano e civilizado. A exposição contou com a participação de diferentes estados da federação, até mesmo aqueles das áreas mais remotas, como por exemplo, o Estado do Piauí. Esses organizaram seus pavilhões, para expor seus avanços tecnológicos e econômicos por meio de produtos, álbuns, fotografias ou catálogos.⁶³

Margareth da Silva Pereira aponta que as Exposições Nacionais procuravam modelar um novo modo de ver o mundo, sobre a óptica capitalista do consumismo e da cultura de massa; forjavam uma classificação das atividades humanas em povos e culturas civilizados ou bárbaros, adiantados ou atrasados, desenvolvidos ou em desenvolvimento. A partir dessa visão evolucionista, podemos entender o orgulho da recém-proclamada república brasileira, em afirmar que as reformas urbanísticas, econômicas e sociais ocorridas nesse período, seria o reflexo da civilização que adentrava o Brasil.⁶⁴

⁶² BORGES, Maria Eliza Linhares. *Representações do Brasil Moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos Museus Comerciais europeus, 1906 a 1908*. História vol. 26, nº. 2, Franca 2007. p. 7

⁶³ Aprofundaremos essa discussão no segundo capítulo.

⁶⁴ BORGES, op. cit., p. 12.

3. O PIAUÍ NA ERA DOS ESPETACULOS: EXPOSIÇÕES NACIONAIS E ESTADUAIS

3.1 Economia piauiense

Iniciaremos a presente discussão, destacando o papel da economia piauiense na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, a fim de compreender como a indústria pecuarista era desenvolvida e absorvida dentro do território piauiense. Aqui nos cabe destacar o importante papel da pecuária para a formação do território e como essa produção foi sendo negligenciada pelas autoridades governamentais a partir do momento que surge a necessidade de introduzir a região ao mercado internacional no intuito de tornar o Estado moderno.

A cara da economia piauiense desde sua formação inicial foi a indústria pecuarista, desenvolvida desde cedo no território e responsável pela forma em que se processou a organização da sociedade piauiense. Com a expansão da produção açucareira pela faixa litorânea do Nordeste brasileiro, a atividade criatória foi sendo empurrada para o interior do país. Isso por que a atividade criatória e a produção açucareira eram economias que requeriam grandes extensões de terras, não podendo ser desenvolvidas uma ao lado da outra. Nesse sentido que se processou o povoamento do sertão piauiense, sendo a indústria pecuarista sua principal atividade.⁶⁵

Inicialmente, a indústria é apresentada como uma atividade que não demandava muitos investimentos com estrutura e grande quantidade de mão-de-obra, diferenciando da atividade açucareira, não teria modificado fisicamente as terras piauienses, pois o gado era criado solto pelo sertão ocupando extensas áreas de terras chapada adentro. O processo de expansão só teria ocorrido em relação à ocupação de terras, pois a estrutura da economia pecuarista teria permanecido a mesma sem muitas modificações no decorrer dos anos.

Sem contestação é a criação de gado um dos ramos da indústria que pode com vantagem prosperar nesta província, não só por lhe serem propícios os campos salitrados que muito diminuem os gastos de produção, como porque é a indústria pastoril a única entre nós que demanda menos emprego de braços, que rapidamente vai escoando. Além disso sua posição geográfica permite-lhe com facilidade lhe vender o seu gado para o Maranhão, Ceará,

⁶⁵ Para mais informações a respeito da economia piauiense desse período ver SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Evolução Histórica da economia piauiense*: 2ª edição; ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, 2001.

Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e etc e sois testemunha de que hoje os criadores nenhum esforço faz para vende-los.⁶⁶

Formando a principal riqueza pública da província, a pecuária teria permanecido entregue aos bons ventos da natureza, ou seja, sem investimentos e aprimoramentos de técnicas que visassem melhorar as raças ou até mesmo o uso dos derivados do gado para a fabricação de produtos e objetos. As fazendas se espalharam pelo território piauiense e desenvolviam o comércio com as regiões vizinhas, para onde escoavam suas produções.

A criação de gado em todas as suas espécies formando a principal base da riqueza pública, e das fortunas particulares da província- permanece inteiramente entregue aos recursos que oferece a natureza- A indústria ainda não lhe presta o seu valioso auxílio. Seria de nímia vantagem o estabelecimento de fazendas-modelos, onde os criadores visem praticamente os proveitosos resultados dos aperfeiçoamentos das raças pelo cruzamento delas, e o aproveitamento dos respectivos produtos, já pelo curtume das peles, já pelo fabrico do queijo e da manteiga, já por outras variadas aplicações a indústria.⁶⁷

A situação econômica do Piauí no século XVIII era dificultada por alguns fatores que acabavam por limitar a expansão da economia pecuarista, entre eles podemos citar as distâncias existentes entre os núcleos populacionais, falta de ativo poder de compra dos próprios membros da sociedade e distribuição de renda concentrada nas mãos de pequenos grupos. No Relatório do Presidente da Província de 1860, a agricultura desenvolvida no território piauiense é apresentada como de pouca contribuição para a economia piauiense, apontando que os alimentos produzidos se destinavam basicamente para o consumo local, sendo essa situação ainda mais agravada devido à população se encontrar de forma dispersa, em decorrência da falta de transportes e estradas, acrescentando que a solução seria reunir a população em centros determinados onde desempenhariam atividades com o uso da terra e destinariam pessoas para realizarem estudos a respeito das culturas da cana, algodão e café em províncias “mais adiantadas”.

A indústria agrícola reduz-se nesta província ao plantio em pequena escala de algodão, da mandioca, da cana de açúcar e de alguns cereais, que mal chegam para o sustento da população. A natureza do solo, sujeito a estação ardentíssima de metade do ano, e a carência de chuva por todo esse tempo, a disseminação da população por um extenso território, cujos povoados, muito distantes uns dos outros, não se ligam por boas vias de comunicação. A

⁶⁶ Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauí Dr. Antônio Corrêa do Couto no qual passou a administração ao Exm. vice-presidente o comendador Ernesto José Baptista no dia 27 de junho de 1859. Theresina. Typ. Constitucional, de J. da S. Leite. – Rua Grande N, 1859, p. 20.

⁶⁷ Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauí Dr. Diogo Velho Cavalcanti D’ Albuquerque passou a administração da mesma ao Exm. Sr. vice-presidente Coronel Ernesto José Baptista, no dia 16 de maio de 1860. Theresina. Typographia Constitucional de J. da S. Leite. 1860, p.10.

indolência proverbial dos filhos da província, devido talvez a influência do clima, e os melhores proveitos que auferem da criação de gado, são em minha opinião as principais causas do atraso da indústria agrícola nessa parte do império.⁶⁸

Não era somente a produção agrícola que necessitava de investimentos, a economia pecuarista também precisava ser aperfeiçoada através do cruzamento com novas raças, desenvolvendo-se dessa maneira a indústria pecuarista. Essa iniciativa deveria partir do governo, como nos mostra o relatório do presidente da província do Piauí de 1859, que precisaria distribuir touros entre os fazendeiros a fim de esses cruzarem com os gados existentes em solo piauiense e obterem um resultado, a dúvida estava em qual raça introduzir para esse cruzamento. As raças consideradas mais completas eram as européias, expostas na Exposição Universal de Paris de 1855 causaram grande admiração aos visitantes, devido à qualidade dos animais, logo o presidente da província do Piauí destaca em relatório que não poupará esforços para introduzir tais raças em solo piauiense.⁶⁹

O esforço de desenvolver e melhorar a principal fonte da economia da província fica clara, esse melhoramento viria com a importação de modelos da Europa, nesse caso de raças bovinas. O presidente da província chega a propor prêmio de um conto de réis para os criadores que obtivessem o animal mais pesado, seria uma forma de incentivar os criadores. Nota-se também uma iniciativa para a realização de uma exposição local, voltada para o setor pecuarista onde os criadores apresentariam suas produções resultantes do cruzamento com as raças européias. Essa seria uma das ações tomadas para o melhoramento/desenvolvimento de uma economia que se encontrava estagnada devido à falta de investimentos.

É deplorável o estado financeiro da província. As causas gerais que influíram para o decrescimento das rendas públicas no Império, reuniram-se nesta província, destituída de todos os recursos, sem indústria, sem capitais, e até sem trabalho, os males provenientes das grandes secas, que assolaram, e que extenuaram a única fonte importante de produção - a criação do gado. As pequenas lavouras destruíram-se; os fazendeiros mais opulentos perderam grande parte de seus teres, os homens abastados quase que se arruinaram completamente; e os impostos, único meio de ocorrer as despesas, não o puderam ser pagos na proporção decretada.⁷⁰

⁶⁸ Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauí Dr. Manoel Antônio Duarte de Azevedo passou administração ao Exm. Vice-presidente Dr. José Marianno Lustoza do Amaral no dia 15 de abril de 1861. Typographia Conservadora Impresso Por Manoel Victorianno Marques, 1861, p.16.

⁶⁹ Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauí Dr. Antônio Corrêa do Couto no qual passou a administração ao Exm. vice-presidente o comendador Ernesto José Baptista no dia 27 de junho de 1859. Theresina. Typ. Constitucional, de J. da S. Leite. – Rua Grande N, 1859, p.21.

⁷⁰ Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauí Dr. Manoel Antônio Duarte de Azevedo passou administração ao Exm. Vice-presidente Dr. José Marianno Lustoza do Amaral no dia 15 de abril de 1861. Typographia Conservadora Impresso Por Manoel Victorianno Marques, 1861, p.19.

A situação ficou ainda pior com as secas que atingiram a região, ocasionando o fim de muitas fazendas de gado, prejudicando assim a exportação da economia regional e conseqüentemente a arrecadação de rendas para efetivação do pagamento das dívidas da província, sendo preciso realizar cortes de alguns cargos e de obras que seriam realizadas. O relatório do presidente da província de 1862 ratifica a situação preocupante da província mostrando quando o problema econômico veio a se agravar.

Desde o ano de 1856 a renda anual da província cresceu extraordinariamente de 170:000\$ para 257:000\$, ocasionado pelo alto preço que o gado atingiu no mercado regional devido à alta procura das províncias vizinhas assoladas por longos períodos de secas. Com o preço do gado em alta, foi possível realizar a arrecadação dos impostos contribuindo ainda mais para o aumento da receita da província.

Só que a partir do ano de 1859 a arrecadação da receita veio a declinar para 177:000\$, agravando mais ainda essa situação nos anos de 1861 e 1862 ficando com um saldo de 150:000\$000. O preço do gado caiu consideravelmente, e mesmo assim não tinha compradores para o seu mercado devido a não procura das províncias vizinhas que agora com o fim da seca enfrentavam grave escassez de dinheiro, sem falar que tinham que enfrentar ainda a cólera que atingia a região.⁷¹ Nos anos seguintes consegue-se perceber uma melhora na economia piauiense, com um aumento nas receitas da província.

Mas a culpa da difícil situação da principal fonte econômica piauiense recaía sobre os criadores acusados de serem despreocupados e descuidosos com sua própria fonte de renda. As diferentes situações adversas para a criação como mau tempo das estações, pastos impróprios e uma suposta degeneração das raças não era tratado por esses criadores na tentativa de se resolver os problemas, permanecendo paralisada a economia à espera de maiores investimentos. A criação de gado acabava por desviar os olhares dos produtores de outros ramos, contribuindo para que esses fossem mal explorados, como no caso da indústria agrícola que se restringia ao algodão, cana-de-açúcar, mandioca e o tabaco que mal abasteciam o mercado interno.

Sendo assim a solução seria investir na pecuária que já demonstrava a um bom tempo o seu possível desenvolvimento através de maiores investimentos. Já se podia identificar um possível comércio com o exterior de produtos piauienses que a cada ano aumentava mais,

⁷¹ Relatório que o Exm. Presidente da província do Piauí Dr. José Fernandes Moreira apresentado a Assembléia Legislativa Provincial por ocasião da sua instalação no dia 10 de novembro de 1862. Teresina. Typographia Constitucional, Rua Grande. 1862, p.13-14.

assim os comerciantes piauienses não comercializavam seus produtos apenas regionalmente com as províncias vizinhas, mas também com alguns países no exterior.

O Piauí já não mais negocia tão somente, pelo interior, com a Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão, e, por meio de navegação costeira, com estas duas últimas províncias. Os seus gados são exportados também para a Caiena Francesa e o seu algodão em rama para a Inglaterra; e estas duas nações importam-lhe diretamente as suas mercadorias.⁷²

O crescente aumento anual dos números das exportações piauienses pode ser observado na tabela a seguir, onde consta o valor total das exportações dos anos de 1853 a 1863. É importante destacar que mesmo nos anos de crise da economia pecuarista, citado anteriormente, pode-se ver um relativo aumento das exportações, isso pode ser justificado pela presença de outros produtos exportados, além do gado, que complementavam a renda econômica da província.

Tabela 2: comércio da província (1853-1863)

Exercícios	Valores oficiais
1853-1854.....	114:582\$201
1854-1855.....	187:383\$045
1855-1856.....	200:227\$635
1856-1857.....	227:443\$518
1857-1858.....	173:351\$340
Total.....	902:987\$739

Exercícios	Valores oficiais
1858-1859.....	221:959\$154
1859-1860.....	204:680\$610
1869-1861.....	299:378\$692
1861-1862.....	321:182\$265
1862-1863.....	555:990\$064
Total.....	1:603:190\$785⁷³

⁷² Relatório apresentado a Assembléia Legislativa do Piauí no dia 01 de junho de 1864 pelo Presidente da província Franklin Américo de Menezes Doria. SAN'LUIZ: Typ. de B. de Mattos –Rua da Paz, 7. 1864, p. 24.

⁷³ Relatório apresentado a Assembléia Legislativa do Piauí no dia 12 de julho de 1865 pelo Presidente da província o Exm. Sr. Dr. Franklin Américo de Menezes Doria. San'Luiz: Typ. de B. de Mattos, Rua da Paz, 3. 1865, p.39-40.

Fonte: Relatório do presidente da província de 12 de julho de 1865, p. 39.

Durante estes dez anos, houve um considerável aumento das exportações piauienses. Os principais produtos exportados durante esse espaço de tempo eram o algodão, animais vivos, chifres, couros diversos, tatajuba e fumo em rolo. O desenvolvimento do comércio piauiense dependia do incremento de todos os ramos da indústria, que aumentaria a produção e as riquezas da província, promovendo uma maior relação com diferentes mercados produtores. A intenção de desenvolver o comércio piauiense também estava permeada pela ideia de progresso do país, pois segundo o Presidente da Província do Piauí Frederico D’Almeida e Albuquerque, em relatório de 27 de setembro de 1856, “os interesses econômicos de um país têm entre si uma verdadeira afinidade, prendem-se todos uns aos outros, e formam uma grande cadeia, de modo que para se poder promover uns, é mister que se faça progredir todos.”⁷⁴ Assim era preciso melhorar o comércio piauiense lançando-se nas vias do progresso juntamente com as outras regiões do país.

Frederico D’Almeida e Albuquerque faz um apelo aos produtores piauienses para que estes se atentem para o desenvolvimento industrial que proverá o progresso do país, rico em grandes recursos naturais, mas que se encontravam inexplorados, prejudicando com isso a economia. A figura do Imperador D. Pedro II aparece como um dos incentivadores para esse progresso industrial do país, investindo em recursos que trariam melhorias. Mas seria necessário um maior empenho de todos, pois somente os investimentos do governo não seriam suficientes para realizar tal progresso.

Cumpré, porém, que nos convençamos, senhores, de que não obstante os esforços do governo, a sua maior solicitude no emprego das medidas, que estão nas esferas de suas atribuições, os interesses materiais não atingirão aquele grau de rápido desenvolvimento, que nos convém, não ganharão as grandes proporções compatíveis com as circunstâncias naturais, enquanto não empregarmos todos os meios ao nosso alcance para formar, desenvolver, e dar a maior extensão possível ao espírito de associação.⁷⁵

Era preciso desenvolver primeiramente o espírito de associação, que incidiria sobre a forma de organizações industriais preocupadas com o progresso do país, criando meios de melhorar e aumentar a economia. “É o concurso de muitas fortunas e de muitas inteligências, dirigidas com a atividade e zelo do interesse particular, que produz semelhantes efeitos do

⁷⁴ Relatório do Presidente do Piauí e Comendador Frederico D’Almeida e Albuquerque apresentado a respectiva Assembléa Legislativa Provincial na sessão ordinária de 1856. S. Luiz: Typographia do Progresso – Rua de Sant’Anna Nº 17. Impresso por B. de Mattos. 1856, p.23.

⁷⁵ Ibid. 1856, p. 26.

maior alcance, da mais transcendente utilidade pública. ”⁷⁶ E a inspiração para a tomada de tal posicionamento vinha dos países da Europa e dos Estados Unidos, modelos de civilização a serem adotados. O presidente da província reforça que é possível desenvolver no Piauí esse espírito de associação, incorporando aos poucos aquilo que estava ao alcance, o que importava era se colocar nas vias do progresso.

Um dos fatores que impedia o desenvolvimento da economia piauiense seria a conservação dos antigos métodos utilizados na agricultura e pecuária por meio da tradição. O discurso presente em grande parte dos relatórios do presidente da província do Piauí durante a segunda metade do século XIX diz respeito à inserção de novos métodos e técnicas para desenvolver sua economia que se encontrava ainda em estado quase “primitivo”. A introdução de novas técnicas, inspiradas na produção Europeia traria o progresso para a província que desejava tornar-se civilizada. Mas antes de tudo era preciso deixar para trás estes antigos hábitos de trabalho obsoletos que teimavam em não dar espaço para as inovações tecnológicas que permaneciam ignoradas.

De que carecemos em primeiro lugar, é de conhecimentos profissionais que venham modificar as velhas rotinas que matam os melhoramentos, da introdução de maquinas que facilitem a execução desses estudos, de boas estradas e de capitais que irão aparecendo, logo que seja explorado nossa verdadeira mina pelo trabalho livre e inteligente; com os pequenos lucros acumulados se formarão as associações e grandes as empresas; e havendo credito da parte dos agricultores não faltarão os bancos rurais e outros de semelhantes natureza. Finalmente a colonização tomará incremento não tendo de envergonhar-se de competir com o trabalho escravo.⁷⁷

Os meandros do progresso precisavam deitar raízes no Piauí, com isso o Dr. Adelino Antônio de Luna Freire, presidente da província do Piauí em 1867, reforça a ideia de adotar políticas para a implementação de novas técnicas na produção econômica. Outro ponto a ser destacado na fala do presidente da província é a utilização da mão de obra livre em vez da mão de obra escrava, isso por que, segundo o mesmo, o trabalho escravo teria criado no Piauí sujeitos preguiçosos não afeiçoados ao trabalho pesado, sendo essa uma das razões de muitas regiões do território piauiense encontrarem-se ainda inexploradas.

A escassez de gêneros nos nossos mercados é uma consequência da proverbial indolência dos filhos da província; nunca, porém da falta de braços, pelo contrário muito pouco são os produtores, enquanto que sobra os

⁷⁶ Relatório do Presidente do Piauí o Comendador Frederico D’ Almeida e Albuquerque apresentado a respectiva Assembléia Legislativa Provincial na sessão ordinária de 1856. S. Luiz: Typographia do Progresso – Rua de Sant’ Anna Nº 17. Impresso por B. de Mattos. 1856. p. 27.

⁷⁷ Relatório apresentado a Assembléia Legislativa do Piauí no dia 09 de setembro de 1867 pelo Presidente da provincia o Exm. Sr. Dr. Adelino Antônio de Luna Freire. San’Luiz do Maranhão: Typ. De B. De Mattos, Rua Paz, 7. 1867, p.71.

consumidores. A escravatura, senhores, além de outros, causa-nos mais o seguinte mal: ela estimula a preguiça, e torna enfatuado e orgulhoso muita vez o mais desprezível dos viventes.⁷⁸

O território piauiense não sofria com a escassez de mão de obra; pelo contrário, tinha uma população razoavelmente suficiente para produzir sua economia. Segundo Evaldo Cabral de Melo, a lavoura do Norte contava com uma excelente quantidade de mão-de-obra que dava de conta da sua produção, enquanto a região sul, cafeeira, apresentava situação oposta. As diferenças entre o norte e o sul do Brasil eram ainda mais marcadas pelas políticas governamentais, onde não visavam atender as necessidades da região norte, reservando toda sua atenção para o sul. A ideia de que o norte não sofria com falta de mão-de-obra na lavoura, é confirmada pelo comércio inter-regional de escravos realizado entre o norte e o sul.⁷⁹

Assim com a crise de 1870 que atingiu a economia nortista, devido ao baixo preço do açúcar no mercado internacional e a crise na agricultura com o aniquilamento da lavoura algodoeira, “era como se tivesse ocorrido uma espécie de convergência dos interesses nortistas e sulistas: do norte, em vender seus escravos, do sul, em comprá-los”⁸⁰. Enquanto no norte predominava a oferta sobre a demanda, diminuindo o valor dos escravos no mercado, no sul a demanda superava a oferta, elevando seu preço de forma exorbitante, encontrando, no sul, um excelente mercado para suprimir suas dificuldades econômicas.⁸¹

Resolvida a questão de que o Norte não sofria com a falta de mão-de-obra, restava “despertar o amor pelo trabalho, e todos os prejuízos de uma educação madrastra desaparecerão; o piauiense então, não se envergonhando de lavrar a terra, odiando a ociosidade, começara a ser feliz.”⁸² Outra solução seria a incorporação de imigrantes, que estariam mais habituados ao trabalho da agricultura e da criação contribuindo para o progresso da província. Esse era um projeto do governo que procurava introduzir a mão-de-obra estrangeira nas diferentes províncias brasileira, tendo em vista que muitos apontavam o trabalho escravo como o responsável pela pobreza e decadência das províncias.

A miséria, o aviltamento, a ignorância, o desprezo em que vive uma grande parte da nossa população provem originariamente do trabalho escravo. Os trabalhadores livres desalojados dos terrenos mais favoráveis a indústria agrícola pela concorrência do trabalho escravo, representados pelos grandes fazendeiros, viram-se forçados, ou a ocupar as péssimas terras do litoral, ou

⁷⁸ Relatório apresentado a Assembléia Legislativa no dia 21 de julho de 1868 pelo vice-presidente o Exm. Sr. Dr. Manoel de Freitas. Theresina. Typ. do Piahy. 1868, p. 08.

⁷⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. *O Norte Agrário e o Império*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p.32.

⁸⁰ *Ibid*, p.40.

⁸¹ *Ibid*, p. 43.

⁸² Relatório apresentado a Assembléia Legislativa no dia 21 de julho de 1868 pelo vice-presidente o Exm. Sr. Dr. Manoel de Freitas. Theresina. Typ. do Piahy. 1868, p. 10.

as mais férteis do interior; naquelas a produtividade negou-lhes os meios de adquirirem alguma fortuna, nestas as distancias e transportes difíceis apenas lhes permitiram ter farta alimentação, mas não acumular riquezas. Nesse jogo de circunstâncias tem vivido uma classe, que em outras condições se teria multiplicado mais, e estaria hoje apta para suprir o vazio que na produção vai deixando o braço do trabalho escravo.⁸³

Pode-se perceber uma disputa entre os grandes e pequenos produtores pelas terras localizadas em pontos mais acessíveis, as quais facilitariam a circulação de mercadorias. Porém, o trabalhador escravo não seria o responsável pela situação dos pequenos produtores, entendemos que essa ideia estava mais relacionada com a tentativa de inserir a mão-de-obra imigrante considerada pelas autoridades governamentais de melhor qualidade, possibilitando o desenvolvimento da região.

3.2 É preciso modernizar substituindo o velho pelo novo

Desde sua formação inicial o território piauiense apresentou características diferentes do restante do Brasil, principalmente das províncias localizadas na região sul, o que resultou em uma diferenciação na sua produção econômica. Como pudemos perceber no tópico anterior, a principal fonte de renda da província era a atividade pecuária e ao seu lado florescia uma pequena agricultura, sendo seu principal produto o algodão, comercializado com regiões vizinhas e exportado para alguns países da Europa. A atividade pecuária oscilava constantemente, e o déficit da província aumentava progressivamente, para completar a situação precária da província o governo imperial não dava as devidas atenções para a região, que jazia esquecida sem nenhum investimento.

Para o governo piauiense, a integração dessa região em âmbito nacional e internacional só seria possível através da abertura de vias de comunicação que facilitariam o escoamento de seus produtos para as regiões vizinhas e para os portos, inserindo dessa forma a economia piauiense ao contexto nacional e internacional. Rompido o isolamento da província, restava agora investir em melhorias na produção de seus rebanhos com o cruzamento de novas raças que pudessem concorrer com o gado de outras regiões. Todas essas medidas de inserção da economia piauiense permearam a segunda metade do século XIX e início do século XX, e faziam parte de uma política mais ampla adotada pelo governo

⁸³ Relatório apresentado a Assembléia Legislativa no dia 21 de julho de 1868 pelo vice-presidente o Exm. Sr. Dr. Manoel de Freitas. Theresina. Typ. do Piauhy. 1868. p. 09.

imperial, depois republicano, de unificação de todas as regiões do Brasil, no intuito de realizar o progresso civilizacional no país inspirados no modelo europeu.

Só que a situação econômica piauiense não se encontrava relativamente boa; sua principal fonte econômica, a cada ano que passava, diminuía em quantidade, tendo que ainda concorrer com outros mercados, o que ocasionava a queda do preço de seu gado. Como poderia essa região se incorporar a esse conjunto de economias nacionais e internacionais que se diziam civilizadas? Durante todo o século XIX vê-se uma tentativa de melhoramento da produção econômica, destacando a necessidade de desenvolver a economia pecuarista e agrícola com a introdução de novos métodos e técnicas, onde aumentaria a produção e ampliaria seus mercados consumidores.

Segundo Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, tais mudanças não teriam adentrado o território piauiense até a segunda metade do século XIX, somente durante a primeira metade do século XX que a economia piauiense teria integrado ao mercado internacional, passando a exportar produtos da economia extrativista como a borracha de maniçoba, cera de carnaúba e o babaçu. A autora discute a mudança da economia piauiense no início do século XX apontando que a dinâmica da nova economia extrativa teria permitido também uma integração da economia piauiense ao âmbito nacional, pois a economia pecuarista a um bom tempo já se encontrava em decadência e a agricultura continuava sendo exercida de forma rudimentar, sendo assim não davam mais subsídios necessários para o desenvolvimento do Estado, que procurava meios de se integrar ao projeto político modernizante desenvolvido no Brasil.⁸⁴

Mas é importante salientarmos alguns pontos. Primeiro, o comércio com o exterior já era realizado com a economia pecuarista, então não foi somente com a borracha de maniçoba que o Piauí passou a exportar. Segundo, a economia pecuária não se encontrava decadente, ela continuava sendo a principal fonte da receita do Estado, sem falar que o comércio interno com os estados vizinhos garantia a manutenção dessa economia. A ideia de decadência da economia pecuarista pode ser entendida pela autora Teresinha de Queiroz, devido à queda nas cifras do dizimo arrecadado nos últimos anos. Porém isso pode ser justificado por um lado, pela comercialização do gado através do contrabando, onde os produtores acabavam não pagando o dizimo de sua produção ao Estado, decaindo assim as cifras arrecadadas.

A região piauiense deveria apresentar essa face moderna e civilizada que vinha sendo difundida no Brasil desde meados do século XIX e o sistema político republicano ajudaria o

⁸⁴ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Economia piauiense: Da pecuária ao extrativismo*/ Teresina: EDUFPI, 2006. p. 31.

então estado do Piauí a superar essa fase, marcada pelas políticas imperiais que inviabilizaram seu desenvolvimento devido à falta de investimentos destinados para a região. A situação precária do Piauí era atribuída ao antigo “regime decaído”, sendo assim, o advento da República atraía os ânimos das autoridades piauienses, esperançosos de que o novo regime traria as transformações necessárias para que a região se integrasse as demais do Brasil.

Não me cansarei de atribuir a maior parte dos nossos problemas ao triste legado que nos deixou o regime decaído [...]. Somos parte integrante da federação, e dela temos o direito de esperarmos favores que as mãos largas tem-se derramado em outros estados mais felizes que o nosso. Não é possível que na República continuemos ainda no estado de abandono em que vivemos no regime passado; a constituição não estabeleceu preferências em favor deste ou daquele estado, por isso não é muito que se nos dê hoje aquilo que nunca conseguimos obter no regime decaído, quando alias vivíamos cercados de uma atmosfera aparente de imperialismo.⁸⁵

Essa ânsia em integrar o comércio do Estado ao conjunto das economias internacionais parte das autoridades governamentais do Piauí ocasionando novas necessidades no que diz respeito a sua produção, ou seja, a pecuária e a agricultura, até então principais ramos produtores, não atenderiam mais as exigências de um comércio que se modernizava, sendo preciso uma nova fonte produtora que alargasse as possibilidades de inserção do Estado, e a produção extrativa entra em cena como a possível provedora de tais medidas, ocasionando não só apenas mudanças econômicas, mas também no que diz respeito a infraestrutura da capital do Piauí.

A premência e a ansiedade pela efetivação de serviços públicos, com o sentido de facilitar a integração comercial do Estado, também, estavam presentes em outros setores, como o da infraestrutura de serviços urbanos- a telefonia, o abastecimento de água e a iluminação elétrica. Ao mesmo tempo em que, num plano geral, tentavam-se efetivar as ligações e regulamentos as relações com o universo extra estadual (por exemplo, regularização e registro de posse sobre as terras, delimitação de fronteiras, posturas e regulamentos sobre vegetais e animais, etc..), igualmente se tentavam criar condições que favorecessem a modernização da cidade, o disciplinamento do seu corpo e, por extensão, o controle sobre os seus cidadãos.⁸⁶

Era preciso criar estruturas que viessem a atender a demanda da sociedade que desejava se modernizar e de uma economia que se pretendia caminhar “rumo ao progresso” com o comércio mais intensificado em âmbito nacional e internacional. É nesse período que o estado do Piauí tomará como modelo os países da Europa, inserindo em seu território

⁸⁵ Mensagem apresentada a Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo seu Governador Dr. Coriolano de Carvalho e Silva em 07 de setembro de 1895. Teresina – Piauí, 1895, p. 04.

⁸⁶ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 23.

mudanças já implementadas em outras cidades do Brasil, como por exemplo, o Rio de Janeiro. O progresso se materializava nas estruturas das cidades e no controle de seus cidadãos, que acabavam sofrendo certo controle sobre seus hábitos.

Foi exatamente na passagem do século, especificamente nos anos finais do século XIX e nos primeiros anos do século XX, que tais novidades se fizeram mais presentes em Teresina. Francisco Alcides do Nascimento aponta que até no início de 1910, a cidade apresentava uma estrutura provinciana, com ruas estreitas, raramente habitadas, com sujeira e animais no meio das ruas e moradias “acanhadas” e miseráveis, devido seu processo de urbanização ter decorrido de forma lenta, se comparado a outras cidades do Brasil.⁸⁷ A efetivação da modernização no Piauí, só teria ocorrido com a integração do comércio do estado.

Na primeira década do século XX, Teresina não dispunha de qualquer equipamento urbano que a definisse como uma cidade moderna. Ausência total e absoluta de calçamento, água tratada e canalizada, transporte público, luz elétrica, esgoto, telefone, etc. as pretensões de modernização e de alteração na estrutura urbana ainda não passavam de projetos que só puderam tornar-se factíveis a partir do momento em que a integração comercial do estado aconteceu.⁸⁸

O governo acreditava que somente a atividade extrativista ocasionaria a integração comercial piauiense, contribuindo para a liquidação das dívidas do Estado e aumentando suas rendas. Emergindo em meio a um contexto de suposta crise da economia pecuarista, ocasionada pelas secas consecutivas e pela queda na arrecadação do dizimo do gado, a atividade extrativa surge como a única esperança de melhoria e prosperidade da economia piauiense. A exploração extrativa da borracha de maniçoba iniciaria uma nova fase da economia piauiense.

Foi no meio desses embaraços de ordem financeira e econômica e quando mais temerosa era a crise ameaçando entorpecer a marcha da administração dos negócios públicos, que uma nova indústria surgiu, promissora, nos horizontes do nosso Estado, rasgando-lhe uma nova era de propriedades e esperanças. Essa indústria foi a exploração em larga escala da borracha extrativa da maniçoba, que é uma planta abundantíssima em todos os municípios e Estados. A qual, ainda incipiente, para ela fez logo convergir capitais e braços, reanimando o nosso empobrecido comércio e vivificando as outras indústrias que tendiam todas a desaparecerem na voragem da crise que atrás deixei assinalada; e, sobretudo, fazendo para a caudal enorme de emigrantes, nossos patrícios, que fingiam à pobreza da nossa terra em

⁸⁷ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002. p. 16.

⁸⁸ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 23.

procura da abastança com que lhes acenavam os Estados do Pará e Amazonas.⁸⁹

Além do mais, a borracha daria a oportunidade do Estado, recém-constituído, garantir sua autonomia e estabilidade política por meio do fortalecimento de sua economia. É verdade que no início do século XX se podia observar a grande relevância da borracha de maniçoba para a economia piauiense, sendo que a receita do Estado teria aumentado devido à exportação desse gênero. Enquanto o número da exportação da borracha crescia consideravelmente, os outros setores permaneciam estacionários. Um exemplo disso são os números da receita arrecadada referentes aos anos de 1901, 1902 e 1903.⁹⁰

Tabela 3: receita arrecadada (1901-103)⁹¹

1901 -----	75:648\$366
1902 -----	143:006\$821
1903 -----	228:942\$104
Dizimo arrecadado:	
1901 -----	155:019\$620
1902 -----	137:353\$650
1903 -----	138:818\$000
Giro comercial, industrial e profissões:	
1901 -----	166:814\$828
1902 -----	155:370\$532
1903 -----	98.923\$300

Fonte: relatório do presidente da província do Piauí de 01 de julho de 1904

O cultivo da maniçoba não se dava somente por meio dos maniçobais nativos, mas também com o plantio das árvores de maniçoba. A preocupação estava em como era realizada o cultivo dessa planta, sendo que o caráter predatório prevalecia, ocasionando a destruição das áreas de maniçobais. Era preciso investimentos para a conservação das árvores exploradas. “Seus principais mercados consumidores eram a Inglaterra, Estados Unidos e a França. A

⁸⁹ Estado do Piauí. Mensagem apresentada a Câmara Legislativa a 1 de junho de 1904 pelo Exm. Sr. Dr. Arlindo Francisco Nogueira Governador do Estado. Teresina. Typ. do. Piauí, 1923, p.16.

⁹⁰ Ibid. p. 18.

⁹¹ Tabela elaborada a partir dos dados extraídos do relatório do presidente da província do Piauí referentes a 01 de julho de 1904, p.18.

Alemanha e a Bélgica eram mercados de menor expressão. O consumo de outros países era eventual e pouco significativo”.⁹²

Segundo Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, a borracha de maníçoba atingiu um alto nível de exportação nos primeiros treze anos do século XX, perdendo prestígio somente a partir de 1913-1914, mas até esse momento era a principal responsável pela receita de exportação do estado do Piauí atingindo os 48,8%. Essa porcentagem elevada da exportação da maníçoba não diz respeito à quantidade, pois em alguns momentos o algodão e a cera de carnaúba foram exportados em quantidades superiores, a diferença estava nos preços, pois seus preços eram relativamente menores que a borracha.⁹³

Porém é preciso compreender tais mudanças na economia piauiense a partir das ideias em voga em todo o país. A tentativa de modernização do Brasil arrastava todas as suas diferentes regiões numa busca desenfreada de introduzir elementos que evidenciasse seu progresso. No Piauí não ocorreu de forma diferente, sendo a economia um dos principais alvos das autoridades governamentais.

3.3 Exposição Nacional de 1908: um balanço da riqueza e do desenvolvimento do Brasil.

É nesse contexto de finais do século XIX e início do século XX que o Estado do Piauí terá sua participação nos grandiosos eventos da civilização, as exposições. Como expresso anteriormente, no período de transição de um século para o outro, o Brasil foi fortemente marcado por políticas modernizantes que adentraram o contexto das sociedades brasileiras, até mesmo aquelas regiões localizadas em pontos mais distantes da capital, devido à falta de comunicação por meio de vias de transportes ou até mesmo ao pouco desenvolvimento em sua estrutura econômica que inviabilizava um maior contato através do comércio.

Nesse período, o então recente Estado do Piauí adentrava o contexto do século XX com um enorme peso, os problemas financeiros enfraqueciam suas forças produtivas ocasionado pelas inúmeras secas que atingiram sua região no final do século XIX, resultando na queda da produção de sua maior fonte de riqueza, o gado. Sendo assim era preciso tomar medidas inovadoras que viessem a sanar as dificuldades que acabavam por macular a imagem do Estado para introduzi-lo ao contexto geral das políticas modernizantes vigentes no Brasil. A atividade extrativista, emerge nesse contexto como a única esperança dos produtores e

⁹² QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Economia piauiense: Da pecuária ao extrativismo*/ Teresina: EDUFPI, 2006. p.35.

⁹³ Ibid. p. 37.

autoridades piauienses para desenvolvimento e inserção do estado em âmbito nacional e internacional.

Mas para isso era preciso demonstrar primeiramente o grande potencial do Estado, mais conhecido por seus inúmeros problemas do que pelas suas fontes de riqueza. A esperança de que o novo sistema republicano possibilitaria os meios para que o Estado deixasse para trás as malogradas tentativas de desenvolvimento, que muitas vezes ficaram só no papel, não sendo colocadas em práticas devido à falta de apoio do governo imperial aos produtores piauienses, que jaziam esquecidos e abandonados com suas produções ainda em estado “primitivo” sem o aperfeiçoamento por meio de técnicas.

A necessidade de propagar as riquezas naturais existentes no território piauiense, no intuito de atrair capitais a serem investidos nessa região surge como uma medida imprescindível. Um dos caminhos encontrados para tais medidas seria participar das exposições, no esforço de se tornar conhecido entre as unidades da Federação e também fora do país.

Não é mais admissível que nos conservemos arredios de todas as competições. Se somos ignorados do mundo a culpa é nossa, exclusivamente. Mas chegou o tempo de penitenciarmo-nos, buscando caminho mais amplo e menos sombrio. Sem razão fugíamos às exposições, receosos de gastos extraordinários, na incompreensão vergonhosa das suas inumeráveis utilidades.⁹⁴

Participar das Exposições só acrescentaria melhorias à situação financeira do Estado, pois nessas grandes festas do progresso se reuniam riquezas de todo o mundo muitas vezes ignoradas e pouco conhecidas. Essa confrontação de produtos, entregue aos julgadores, possibilitaria um aperfeiçoamento de ambos, contribuindo dessa forma para o aprimoramento de suas riquezas, que gerariam novos lucros “acrescentando a receita pública e a fortuna particular.”⁹⁵ Os investimentos para participar das exposições não deveriam partir apenas do governo, mas também de iniciativas particulares, pois à medida que se divulgava as riquezas do Estado e melhorava a sua forma de produção por meio do incremento de novas técnicas mais lucros se obtinham e mais capitais estrangeiros eram atraídos para a região.

São condições essenciais a preencher, por nos fazermos conhecidos e atrairmos o dinheiro que falta ao nosso desenvolvimento. Mais do que isso, talvez venhamos a conquistar, em complemento, a gota de sangue renovador e os braços adestrados de que carecemos a um trabalho mais bem orientado, maior, mais intenso e mais fecundo.⁹⁶

⁹⁴ Aspecto do problema econômico piauiense, p. 27.

⁹⁵ Ibid, p.28.

⁹⁶ Ibid, p. 29.

Para visualizarmos o Piauí dentro das exposições e o discurso assumido por seus idealizadores, vamos analisar a partir de agora alguns documentos em relação a esses eventos, como por exemplo, Relatório do Presidente da Província do Piauí de 1874, Relatório das Indústrias, Viação e Obras Públicas de 1894, 1904 e 1908, catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908 e Aspectos do problema econômico piauiense. A partir dessa documentação temos conhecimento da participação do Piauí em algumas Exposições Universais, outras em Exposições Nacionais e ainda realizando em seu território Exposições Provinciais e Estaduais.

O Piauí começou a participar das exposições ainda no século XIX prolongando sua presença até o século XX. Sua participação nas grandiosas festas da civilização se deu na Exposição Nacional de 1866, preparatória para a Exposição Universal de 1867 em Paris. Essa foi a primeira Exposição Provincial documentada levantada em nossa pesquisa. O governo imperial ao receber o convite para a Exposição Universal convocou todas as províncias para que se fizessem presentes, organizando um evento em nível nacional para selecionar os produtos que seriam enviados para Paris. A província do Piauí não recusou a solicitação do governo imperial e realizou em seu território uma Exposição Provincial que precedeu a nacional.

Para a organização da Exposição Provincial foi nomeada uma comissão. Grande parte dos nomes escolhidos para compor a comissão encarregada de organizar as Exposições Provinciais eram de pessoas de prestígio na sociedade, geralmente ligados ao governo, refletindo assim a intenção desses sujeitos de inserir a região do Piauí aos eventos que tanto chamavam atenção dentro do Brasil como também fora do país.⁹⁷

Essa Comissão Provincial ou Comissão Diretora da Exposição Provincial deveria organizar o evento na província. Ela se encarregava de pedir a colaboração das cidades e vilas; selecionava produtores, inventores e mais artistas para colaborarem com seus produtos; organizava o espaço expositivo, escolhendo o local que abrigaria a exposição, assim como as adaptações necessárias; emitia as notas de divulgação na imprensa local e, finalmente geria todo o processo de envio dos produtos escolhidos para a exposição nacional.⁹⁸

Um exemplo dessa relação entre as pessoas escolhidas para comporem as comissões e o governo pode ser vista na Exposição Nacional de 1908 quando a comissão estadual do

⁹⁷ Aspecto do problema econômico piauiense, p. 4.

⁹⁸ CUNHA, Cinthia da Silva. *As Exposições Provinciais do Império: A Bahia e as Exposições Universais (1866 a 1888)*. / Salvador, 2010. p. 58.

Piauí⁹⁹ era composta pelos seguintes sujeitos: General Dr. Gregório Thaumaturgo de Azevedo, Vice-presidente do Diretório Executivo da Exposição Nacional, foi o primeiro governador republicano do Estado do Piauí, era bacharel em direito e engenheiro militar; Dr. João Crisóstomo da Rocha Cabral, autor do primeiro Código Eleitoral Brasileiro, era ministro, jurista, político, professor e poeta, formado em direito, fundador e presidente honorário da Sociedade de Agricultura do Piauí; Dr. Armênio de Figueiredo, engenheiro chefe da comissão de Estudos da Estrada de Ferro de Teresina a Crateús; Desembargador César do Rego Monteiro, magistrado, jurisconsulto e político, foi presidente do Amazonas em 1899, senador da República pelo mesmo Estado e jornalista da imprensa carioca; Dr. José Pires Rebelo, engenheiro civil, político e chefe da Comissão de Estudos da Estrada de Ferro central do Piauí; Conselheiro Antônio Coelho Rodrigues, autor do primeiro projeto do código civil brasileiro, foi contratado pelo presidente Deodoro da Fonseca; Dr. Félix Pachêco e Dr. Antônio Martins de Arêa Leão, aos quais não encontramos seu envolvimento com o governo.¹⁰⁰

Os nomes citados acima, que faziam parte da comissão organizadora da exposição de 1908, tinham envolvimento com o poder político, como podemos perceber, eram os chamados “filhos ilustres do Piauí”, pessoas de grande renome na sociedade piauiense que acabavam por efetivar, através de seus serviços, os ideais do governo republicano de catalogar e uniformizar todas as regiões do Brasil por meio das exposições sobre o propósito de desenvolver e civilizar sua pátria. Não é de se estranhar o caráter elitista das exposições, formada no bojo dos países da Europa, que procuravam a todo momento se auto afirmar como nações civilizadas e desenvolvidas, criando meios para divulgar seus padrões de civilização. No Brasil, também os sujeitos responsáveis pelos eventos buscavam a todo custo criar essa ideia de civilização para o país, mesmo que na maioria das vezes a grande massa da população fosse excluída desse projeto.

Um exemplo prático disso pode ser visto na capital do Piauí, com a implantação das políticas modernizantes materializadas em inúmeras inovações como transportes, estradas, água encanada, calçamento de ruas, iluminação pública; também nas atividades de lazer com

⁹⁹ Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908 comemorativa a abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional. Rio de Janeiro. Papelária Americana. Rua Assembléia, Nº 20, 1908, p. 73.

¹⁰⁰ GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*: Edição ilustrada e comentada. Teresina, 2003. p. 460. Nesse dicionário podemos encontrar uma biografia dos “filhos ilustres do Piauí” durante os anos de 1549 a 2003. O dicionário foi elaborado na intenção de não esquecer essas pessoas, suas vidas, suas artes, suas tradições, sendo assim podemos encontrar muito da vida dos sujeitos que participavam e organizavam as exposições no Piauí.

o cinema, teatro, os passeios em praça pública; no setor econômico, com o desenvolvimento do comércio, exportação internacional e introdução de algumas indústrias. Todas estas medidas modernizantes, não eram apropriadas pela grande maioria da população, que sofriam com as alterações em seus costumes, tendo que se enquadrar a um modelo elitista, como uma forma de disfarçar os problemas da sociedade. Mesmo assim, esse “mundo tão visível e tão incômodo da pobreza é mais subterrâneo e marginal nas fontes de que nos valem para este estudo. É o mundo que se quer destruir e negar, para dar espaço ao da abundância e da civilização.”¹⁰¹

A província também teria enviado produtos para a sede do governo imperial para concorrer a Exposição Universal da Filadélfia de 1876. Sendo assim, nomeou uma comissão para colher os principais produtos da lavoura e de outras indústrias para serem remetidos à exposição.¹⁰² No século XIX o Piauí teria ainda participado de outra Exposição Universal em Chicago no ano de 1893, onde teria sido premiado no setor de artes liberais com preparações farmacêuticas expostas pela comissão do Piauí.¹⁰³ Essas são as exposições do século XIX as quais temos conhecimento da participação do Piauí, em vista a presente documentação analisada, porém não eliminamos a possibilidade da província ter participado de outros eventos nesse período.

Já no século XX o Estado do Piauí teria participado da Exposição Universal de São Louis em 1904, onde mais uma vez teria sido premiado com uma medalha de bronze no setor de manufaturas, uma medalha de ouro no setor de agricultura, oito medalhas de prata no setor de florestas e uma medalha de bronze no setor de minas e metalurgia.¹⁰⁴ Não temos conhecimento dos produtos que foram expostos em cada setor ou qual sua procedência, mas a partir de tais dados podemos perceber o empenho das autoridades piauienses em manterem o Estado do Piauí nos eventos expositivos, mesmo que fosse com sua produção ainda rústica.

¹⁰¹ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994 p. 27.

¹⁰² Relatório com que o Exm. Presidente Dr. Adolpho Lamenna Lins passou a administração da província ao Exm. 1º. Dr. Vice-presidente Tenente-coronel Odorico Brasileiro de Albuquerque Rosa no dia 27 de novembro de 1874 do Presidente da Província do Piauí de 27 de novembro de 1874. Maranhão. Typ. Do Paiz. Imp. M. F. V. Pires, 1874, p. 15.

¹⁰³ Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo general de brigada Dr. Bibiano Sergio Macêdo da Fontoura Cestallat Ministro de Estados dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas em maio de 1994. 6º da República, Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1894, p. 53.

¹⁰⁴ Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas Lauro Severiano Muller no ano de 1904. 16º da República. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1904, p. 20.

O que não podemos esquecer, é que as políticas de inserção do Brasil e de suas distintas regiões são modelos de civilização copiados da Europa; tiveram início ainda no Governo Imperial, onde se podia ver um movimento de propagação da imagem do Imperador como um homem aberto e atento as políticas modernizantes de seu país. Todo esse movimento teve seus reflexos no território piauiense, só que tais tentativas não surtirão o tão esperado efeito e medidas modernizantes só começariam pretender adentrar a sociedade piauiense no século XX, mais efetivamente na segunda década desse século.

Mas o que podemos destacar em relação a isso diz respeito à preocupação das autoridades piauienses em manter a região sempre ligada às ideias que circulavam no restante do país. O Piauí não ficou alheio aos eventos expositivos, pelo contrário, mesmo tendo resistido por um tempo em participar das grandes feiras, se fez presente e em algumas delas foi premiado, como pudemos perceber anteriormente. Quando este se atenta à importância econômica das exposições, não se contenta mais em participar de qualquer forma, sentindo a necessidade de se preparar e se fazer presente de forma mais constante.

As Exposições seriam um convite para conhecer as riquezas do Piauí, a oportunidade de apresentar o Estado aos que não o conhece no intuito de desconstruir a ideia de que o Estado não apresentava potencial econômico, por esse motivo não teria despertado o interesse do governo e de investimentos para a região. Em meio a tantas mudanças de caráter modernizador no país, era preciso chamar a atenção para os recursos de que o Estado disponibilizava, sendo possível concorrer com produtos do restante do Brasil.

A Estado do Piauí não é certamente dos mais conhecidos, mesmo no Brasil, este grande nababo que só agora tenta fazer o primeiro balanço de sua fortuna, depois de um século de quase perfeito abandono. Encravado na esquecida região do Norte, sem uma cidade marítima notável aos viajantes, ou escala forçada a navegação estrangeira, não tem podido ser devidamente apreciado o território piauiense, de que aliás só dizem cousas maravilhosas todos os sábios que nele tem penetrado, e lhe têm descrito as incomensuráveis riquezas e belezas naturais.¹⁰⁵

A documentação levantada a respeito da participação do Piauí nas exposições nos dá mais informação de sua presença nos eventos no século XX. A partir de agora iremos analisar a participação do Piauí na Exposição Nacional de 1908 e em seguida a Exposição Estadual de 1923, ambas com um discurso modernizador, ressaltando os possíveis avanços que o Estado sofreu no início do século, decorrentes das mudanças políticas e econômicas ocasionadas pela

¹⁰⁵ Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908 comemorativa a abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional. Rio de Janeiro. Papelária Americana. Rua Assembléia, Nº 20, 1908, p.3.

implantação do sistema republicano e pela emergência da produção extrativa. Margareth da Silva Pereira considera o evento de 1908 como “*grand finale* de um primeiro tempo de interações econômicas e culturais do Brasil com um mundo cada vez mais urbano e cosmopolita, que teve nas reformas do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906 uma das suas maiores expressões.”¹⁰⁶

A autora acrescenta que no início do século XX as autoridades municipais e federais, confiantes nas potencialidades do país, não ficaram restritas apenas no campo das transformações arquitetônicas, com as reformas urbanas mencionadas anteriormente, mas seriam mais ambiciosos ao celebrar o comércio e o desenvolvimento do país, realizando um “inventário” do país para os próprios brasileiros. Assim os Estados organizaram seus pavilhões e exibiram seus avanços culturais e econômicos.

Eram as Exposições Estaduais que alimentavam as Exposições Nacionais, possibilitando o país de se fazer presente nos certames internacionais, justificando com isso o interesse do governo em integrar todas as suas regiões por meio de um discurso idealizador. Ao convocar todos os estados brasileiros, o governo republicano apelava para o sentimento patriótico para que as autoridades locais solicitassem aos produtores a colaborar com as exposições. Em 1908 foi realizada no Rio de Janeiro a Exposição Nacional em comemoração ao primeiro centenário da abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, convocando todos os governadores dos Estados a se fazerem presentes.

Para comemorar o primeiro centenário da abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, resolveu o Governo promover uma Exposição Nacional, que se realizará nesta Capital, em junho do ano vindouro. A exposição abrangerá os quatro ramos da atividade nacional: - agricultura, indústria pecuária, várias indústrias e artes liberais, no intuito de realizar um verdadeiro inquérito sobre os recursos e desenvolvimento econômico do país, demonstrando ao mesmo tempo a ação decisiva e memorável desse acontecimento sobre os nossos destinos. O Governo da União espera a cooperação dos Estados para dar maior brilho a esse certame, e, fazendo esta comunicação V. Ex., confio que promoverá a representação desse estado, do modo mais completo possível.¹⁰⁷

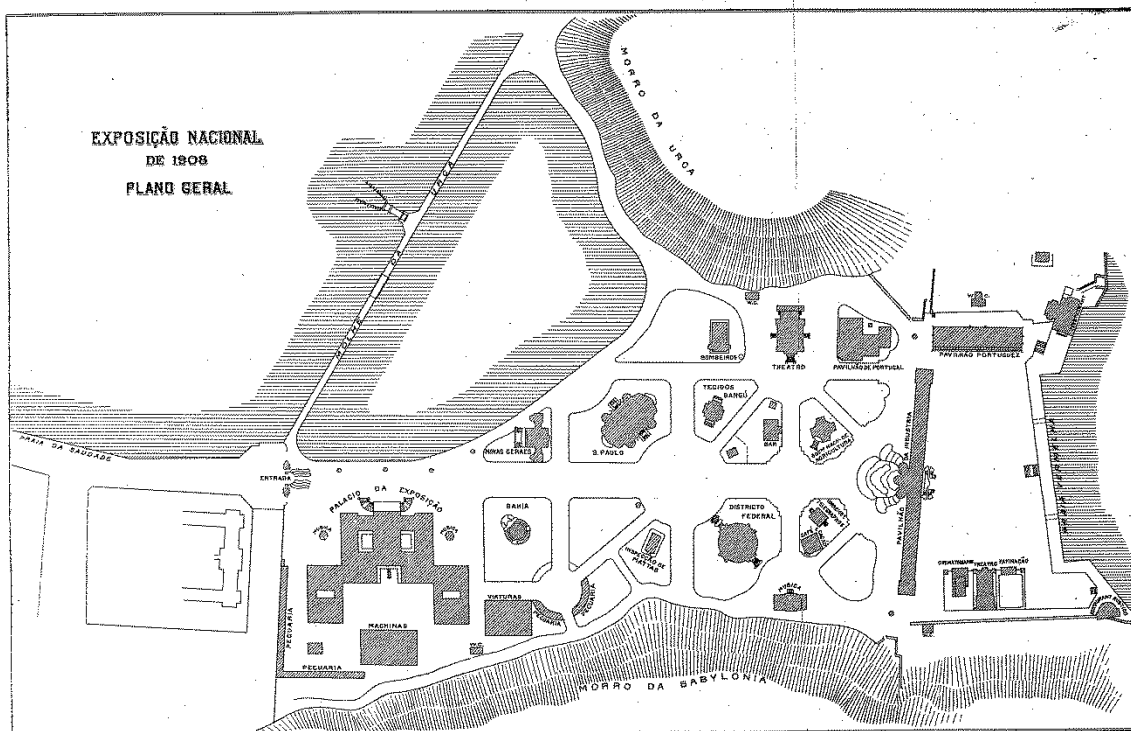
Ao receberem a mensagem de convite para se fazerem presentes na exposição, os governadores dos Estados logo confirmaram seu apoio e interesse de conhecer melhor como aconteceria o evento. Para organizar e dirigir a exposição foi nomeada uma comissão

¹⁰⁶ PEREIRA, M. A. C. S. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. Arqtexto (UFRGS) , v. 16, p. 6-27, 2010, p.07.

¹⁰⁷ Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon Du Pin e Almeida no ano de 1908. 20º da República. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1908, p. 25-26.

composta por um presidente, um secretário geral, três vice-presidentes e 36 membros. Foram também construídos pavilhões para cada uma das seções, onde cada expositor teria direito a um espaço para expor seus produtos. Além disso, os produtos destinados à exposição seriam transportados de forma gratuita e se escolhidos pelo júri poderia ser premiado.

Figura 1: Planta dos edifícios construídos para abrigar os produtos da exposição



Fonte: Relatório do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1908, p.32

A Exposição Nacional de 1908 tinha como objetivo “fazer um balanço da riqueza e do desenvolvimento do Brasil depois da emancipação econômica que conquistou com a abertura de seus portos ao comércio internacional, sob o domínio da metrópole portuguesa”¹⁰⁸, ou seja, seria a reunião de toda a produção econômica e industrial do Brasil destinadas aos próprios brasileiros que necessitavam conhecer melhor a capacidade de produção e o desenvolvimento dos meios de trabalho.¹⁰⁹

Sendo assim nas áreas destinadas a exposição foram realizadas as seguintes obras:

[...]restauração e conclusão da Escola Superior de Guerra, da qual, além das paredes eternas, pouco mais de aproveitável existia; demolição e reconstrução do edifício da Escola Militar; edificação de um teatro, de dois restaurantes, de um grande arco monumental na entrada da área da Exposição; de um pavilhão para máquinas, de outro, para pecuária, de outro

¹⁰⁸ Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon Du Pin e Almeida no ano de 1908. 20ª da República. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1908, p. 578.

¹⁰⁹ Ibid, p. 578.

para viaturas, de um palácio posto à disposição do Governo português para exibição de seus produtos; construção de diversas casas para diversões e café; edificação de um pavilhão de música e diversos coretos; macadamização de ruas; construção de um cais, da estação de barcas e de *tramways*, de bombeiros e de polícia; de jardins e fonte luminosa; instalação de luz elétrica, modelagem de estatuetas e de outros adornos decorativos e arquitetônicos, além de outras construções que as circunstâncias fossem exigindo.¹¹⁰

Alguns Estados como São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Distrito Federal, como se pode observar na imagem acima, construíram seus próprios pavilhões privativos para a exposição de seus produtos. O espaço da Exposição Nacional abrigava uma diversidade de símbolos que representavam um mundo moderno e civilizado, na tentativa de se construir um novo conjunto de valores sociais, políticos e econômicos. O uso de símbolos como meio de manipular o imaginário social era fortemente usado nas exposições, exigindo um olhar atento dos visitantes para comparar e julgar as riquezas das diferentes nações, bem como para modelar um novo perfil dos sujeitos da sociedade, ensinando as massas urbanas a observar os diferentes povos e culturas no intuito de hierarquizar-los a partir de uma visão evolucionista.

A respeito da manipulação do imaginário social, José Murilo de Carvalho aponta que:

A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas. Não foi por acaso que a Revolução Francesa, em suas várias fases, tornou-se exemplo clássico de tentativa de manipulação, os sentimentos coletivos no esforço de criar um novo sistema político, uma nova sociedade, um novo homem.¹¹¹

Olhar o mundo para em seguida classificá-lo fez com que a imagem vista da arquitetura das cidades fosse apontada como o retrato da civilização e dos povos. Mas essa imagem excluía muitos sujeitos, pois nem toda a sociedade estava sendo representada nas exposições, muitos objetos e edifícios construídos refletiam a imagem de um Brasil que se pretendia ser sofisticado, desenvolvido e civilizado, enquanto do outro lado estava uma sociedade reprimida, que sofria constantemente as pressões do poder público e da elite

¹¹⁰ Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon Du Pin e Almeida no ano de 1908. 20^o da República. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1908, p. 583.

¹¹¹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil* – São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.11.

brasileira que tentavam a todo custo modelar os seus hábitos e costumes segundo os padrões de civilização constituídos.¹¹²

A propaganda, era de um Brasil e de um Piauí com características européias, sendo essa ideia fortemente divulgada nos catálogos das exposições, como se pode observar no Catálogo dos Produtos do Piauí na Exposição Nacional de 1908, aonde vem a ressaltar a riqueza dos recursos existentes em seu território por meio da opinião dos viajantes que visitaram o Estado, entre eles o advogado italiano Sr. G. Reminolfi, nomeado pelo governo para estudar o clima, a agricultura e a economia do Brasil.

Entre os estados do Norte do Brasil, o Piauí é um dos melhores e mais ricos e inexplorados recursos ao mesmo tempo que é com certeza o mais saudável de todos. Não é bastante para julgar do interior desses Estados uma investigação superficial da costa marítima...estou inteirado de que na região das Fazendas Nacionais do Piauí existem as melhores condições climáticas, condições talvez mais favoráveis do que no Sul do Brasil.¹¹³

No catálogo, é ressaltada a semelhança dos campos de pastagens existentes no Piauí com os campos da França - “as famosas várzeas de capim mimoso, pela beleza e facilidade de engorda dos gados que nelas se apascentam, são consideradas ali, como os campos do *Charolais* em França, isto é – como verdadeiras fabricas de carnes e mais produtos bovinos”.¹¹⁴ Também são destacadas as diferentes fontes de riqueza econômica do estado, como por exemplo, a indústria pastoril, principal fonte de riqueza, a agricultura, ainda em fase de desenvolvimento, os minerais, de grande valor abundante em solo piauiense, a indústria fabril, pouco desenvolvida e o comércio, maior do que demonstra ser. Sob esse último é importante ressaltarmos que suas cifras cresciam de ano para ano, ocasionado pelo aumento no valor da exportação.¹¹⁵

¹¹² Para mais informações sobre esse assunto ver: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque* - 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001. Ver também NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

¹¹³ Revista *L' Esplorazione Commerciale*, vol. 1º de 1896 Apud Catálogo dos Produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, p. 10.

¹¹⁴ Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908 comemorativa a abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional. Rio de Janeiro. Papelária Americana. Rua Assembléia, Nº 20, 1908, p.12.

Tabela 4: valor de exportação do comercio (1904-1906)

Valor oficial da exportação:	
>> 1904 >>.....	3.843:984\$576
>> 1905 >>.....	4.307:035\$177
>> 1906 >>.....	6.496:059\$518

Fonte: Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, p. 16

Outros dados que apontam tal desenvolvimento econômico são as cifras orçamentarias do Estado referentes aos anos anteriores a 1908. Nelas é perceptível o aumento da receita arrecadada e o excedente do saldo, diferente da segunda metade do século XIX onde se tinha um déficit que aumentava a cada ano em consequência das crises consecutivas ocasionadas pela queda na produção econômica devido às secas.

Tabela 5: Receita arrecadada de 1903-1906.

Ano	Receita	Despesa	Saldo
1903	983.196\$490	839.563\$014	143.633\$476
1904	1.142.458\$393	901.983\$652	240.474\$741
1905			144.768\$179
1906	.261.869\$270	1.073.700\$259	188.169\$011

Fonte: Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, p.20

Após fazermos um pequeno balanço da receita do Estado nos últimos anos que sucederam a Exposição Nacional, adentraremos ao seu espaço no intuito de conhecer os produtos expostos pelos produtores piauienses na Exposição Nacional de 1908. Aqui o que nos importa é sublinhar a natureza dos produtos apresentados na exposição, procurando compreender se o discurso constituído de modernização e desenvolvimento da economia piauiense no início do século XX podia ser percebido através dos artigos exibidos nas exposições. Por hora, iniciaremos apresentando os municípios que enviaram materiais para a exposição, alguns nomes dos expositores por municípios, tendo em vista que a lista é muito

extensa tornando-se inviável identificarmos todos esses sujeitos, e por fim alguns dos produtos expostos em cada seção.

Muitos foram os produtores de diferentes municípios do Piauí que enviaram produtos para a capital a fim de serem expostos, sendo assim, para melhor facilitarmos a compreensão demonstraremos através da tabela a seguir uma relação dos municípios que participaram no envio de produtos e o número de seus respectivos expositores.

Tabela 6: Relação de municípios e expositores (Exposição Nacional de 1908)¹¹⁶.

Município	Nº de expositores
Teresina	48
Amarante	27
Amarração	01
Aparecida	01
Barras	10
Campo Maior	09
Campos Sales (Batalha)	01
Castelo	02
Florianópolis	14
Itamaraty	07
Jaicós	03
Jerumenha	03
Livramento	05
Oeiras	05
Parnaíba	10
Piripiri	06
Picos	05
Piracuruca	17
Regeneração	01
Santo Antônio de Gilbués	06
Santa Filomena	03
Simplício Mendes	01

¹¹⁶ Tabela elaborada a partir dos dados extraídos do Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908.

União	01
Uruçuí	01
Valença	01

Fonte: Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, p.27

Alguns municípios, como por exemplo, Teresina, Amarante, Piracuruca e Floriano, tiveram um número maior de expositores, enquanto Barras, União, Castelo, Jaicós e outros municípios apresentaram uma pequena quantidade de expositores, sendo que em alguns municípios como Campos Sales, Regeneração, Uruçuí, Valença e Simplício Mendes, apresentaram apenas um expositor, que foi a Comissão Municipal da Exposição Nacional de 1908.

Em relação aos expositores, quando analisamos o Catálogo dos Produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, percebemos que estes eram sujeitos que possuíam um lugar de destaque na sociedade piauiense, pois eram comerciantes, fazendeiros, médicos, advogados, políticos e militares, confirmando a ideia já apresentada anteriormente de que as exposições eram festas da elite brasileira, onde somente grandes sujeitos tinham condições de participar expondo seus produtos. Isso por que participar de uma exposição requeria certo gasto, pois nem sempre o orçamento destinado para cobrir as despesas de organização do espaço do evento e transportes de mercadorias era suficiente, tendo que muitas vezes os produtores arcarem com os custos.

Os produtos expostos pelos produtores piauienses contemplaram as quatro seções da exposição: agricultura, indústria pecuária, várias indústrias e artes liberais. A seção da agricultura foi subdividida em culturas diversas, zoologia agrícola, produtos agrícolas, arboricultura, fruticultura e horticultura. Alguns dos produtos expostos nessa seção foram aplicações de arados, casulos de bicho de seda, mel, farinha de mandioca, feijão, milho, algodão, sementes de maniçoba, jatobá, castanhas de caju e bulbos de olho. A seção de indústria pecuária foi dividida em três grupos: raças cavалares, raças bovinas e raças ovinas, sendo expostas fotografias de cavalos, bois e carneiros. O gado exposto era resultado do cruzamento com as raças importadas da Europa, como por exemplo, a raça Turina, Zebú, Godmar e Hereford. A imagem a seguir é uma das fotografias expostas na Exposição Nacional de 1908, um touro de quatro anos de idade, pertencente ao Dr. Marcos de Araújo, resultado do cruzamento com a raça Hereford.

Figura 2: Touro da raça Hereford exposto na Exposição Nacional de 1908.



Fonte: Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908

A seção de várias indústrias apresentava produtos da indústria fabril e da indústria extrativa, sendo subdividida em vários grupos. Entre os grupos da indústria fabril se encontravam massas alimentícias, biscoitos e bolachas; artigos de confeitaria e pastelaria; conservas de carne, peixes, legumes e frutas; azeites, óleos e condimentos; vinhos, vinagres, licores, cervejas e outras bebidas alcoólicas; queijo, manteiga e outros produtos lácteos; obras de marcenaria e carpintaria; moveis comuns, de luxo e bilhares; cal, cimento e outros materiais de construção; fios e tecidos de algodão, tecidos de meia; fios e tecidos de linho, cânhamo, juta e aramina; barbantes, cordões, cordoalhas; rendas, bordados e aplicações em filó; chapéus para homens e crianças; calçado; sabões, velas e glicerinas; ourivesaria e joalheria; cutelaria; produtos de mármore, ágata, granito e outras pedras; couros e peles preparadas; malas, bolsas, artigos de viagem e acampamento; preparados de fumo; vassouras, brochas, escovas e esteiras; tintas, colas, vernizes e graxas e material para navegação.

Da indústria extrativa podia se encontrar uma coleção científica, mineralógica e geológica de mostras de madeiras petrificadas, minérios e pedras; águas minerais naturais; sal e salinas; borracha de maniçoba e mangabeira; fibras e cascas industriais; frutas silvestres; óleos, ceras e resinas; madeiras; plantas medicinais, penas e crinas. Já na seção de belas artes

foram expostas fotografias de quadros, como por exemplo, uma imagem do Coração de Jesus e também artes farmacêuticas e químicas.

Inicialmente, essa grande lista pode ser vista apenas como uma forma de catalogar os produtos expostos pelo Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, porém ela nos revela muito mais que isso. Analisando a participação do Piauí nas exposições do início do século XX pode-se perceber que os objetivos dos incentivadores dos eventos no Estado não diferiam muito das demais regiões do Brasil. Na procura de inserir a todo custo a região, localizada ao Norte, forjam-se uma modernização dessa região e um dos elementos de maior destaque para tal projeto é sem via de dúvida a economia. Mas para isso era preciso deixar para trás seu passado não muito promissor de uma economia considerada “estagnada e decadente” que maculava essa face progredida e civilizada.

3.4 O Centenário da Independência chegou: a Exposição Estadual de 1923.

Ainda no século XX, especificamente em 1922, o Brasil realizou em seu território uma Exposição Internacional em comemoração ao Primeiro Centenário de sua Independência. Inicialmente o evento surgiu como proposta de uma Exposição Nacional, onde apresentaria ao mundo os grandes avanços do país após os cem anos de independência, só que em decorrência do grande número de países estrangeiros que queriam se fazer presentes no evento, houve uma mudança e a exposição passou a ser internacional.

Na capital da República, os acontecimentos comemorativos da grande data culminaram na inauguração da Exposição Internacional do centenário em que se fizeram representar, construindo pavilhões para mostruários dos seus produtos, várias nações amigas, e em que tivemos oportunidade de patentear o assombroso progresso que realizamos nestes cem anos de independência¹¹⁷

Marly Silva da Motta,¹¹⁸ destaca que a exposição de 1922 mobilizou toda a população, em particular a intelectualidade do Rio de Janeiro e de São Paulo. Por esse motivo, o evento não pode ser visto apenas como uma comemoração de uma data memorável, representando um momento propício para o debate e reflexão sobre a identidade nacional. Vê-se uma procura pelas origens, a partir de um olhar que percorrerá o passado colonial e imperial e as realizações republicanas no início do século.

¹¹⁷ Estado do Piauí. Mensagem apresentada a Câmara Legislativa pelo Exm. Sr. Dr. João Luiz Ferreira Governador do Estado no dia 1 de junho de 1923. Typ. do Piauí. Theresina, 1923, p.04.

¹¹⁸ MOTTA, Marly Silva da. "Ante-sala do paraíso", "vale de luzes", "bazar de maravilhas" - a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro - 1922). Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. p. 02.

José Murilo de Carvalho¹¹⁹ aponta que essa busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação, será uma das preocupações da intelectualidade brasileira durante toda a Primeira República. A Exposição Internacional de 1922 vem com esse propósito de fazer um balaço de todas as riquezas do Brasil, sendo o momento oportuno para despertar a nacionalidade do povo brasileiro, oportuno para enfim tornar-se um povo civilizado. O centro gerador de todo esse progresso era a cidade do Rio de Janeiro, a qual foi preparada para acolher as festas em comemoração ao Centenário.

O Estado do Piauí também participou das festas em comemoração ao Centenário da Independência, várias foram as obras e eventos realizados para celebrar o Centenário, entre os quais podemos destacar as obras de embelezamento da Praça Deodoro, jardinagem da Praça Aquidabã, que passou a se chamar Praça da Independência, construção de um busto de D. Pedro II no jardim da Praça Rio Branco e do Dr. Antônio Coelho Rodrigues; enfim, todas essas obras fizeram parte da busca de uma nacionalidade genuinamente brasileira, que só poderia ser construída através do conhecimento da história do país e de seus sujeitos.

[...]. Assim é que se realizaram em todo o estado varias e imponentes festas de caráter cívico e popular, entre ruidosas alegrias de todas as classes sociais, vibrantes expansões patrióticas da alma piauiense, enternecidas homenagens a memória dos nossos antepassados, que nos legaram, livre, a terra que habitamos.¹²⁰

Inspirados no grande sucesso da Exposição Internacional brasileira de 1922, o Governo do Estado do Piauí decidiu realizar em seu território no ano de 1923 a primeira Exposição Estadual para comemorar o Centenário de Independência, reunindo produtos de todo o seu território. A ideia era fazer um apanhado do progresso e do adiantamento do Estado durante esses cem anos, destacando também seu futuro potencial de desenvolvimento.

Para o êxito do levantado empreendimento, o apelo dos seus promotores encontrou entusiasmática acolhida em todo o seu Estado, cujas forças ativas, solidarizadas no mesmo sentimento de patriotismo e na mesma aspiração de progresso, empenharam-se vivamente para que o nosso primeiro certame desse, como deu, uma noção exata do nosso adiantamento no presente e das nossas possibilidades no futuro¹²¹

A ideia de comemorar o Centenário com uma Exposição parte do ensejo das autoridades locais piauienses de mostrar o adiantamento do Estado, encontrando apoio nos grandes produtores que viam nas exposições a oportunidade de expandir e melhorar suas

¹¹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil* – São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 33.

¹²⁰ Estado do Piauí. Mensagem apresentada a Câmara Legislativa pelo Exm. Sr. Dr. João Luiz Ferreira Governador do Estado no dia 1 de junho de 1923. Typ. do. Piauí. Theresina, 1923, p. 05.

¹²¹ Ibid. p. 06.

produções. Nesse sentido, podemos destacar dois pontos de extrema relevância para o entendimento das exposições no contexto piauiense do início do século XX. Primeiro, o desejo das autoridades locais de introduzir na sociedade piauiense a ideia de desenvolvimento através da economia, com a produção da borracha extrativa de maniçoba, que viabilizaria melhorias relevantes no sentido de equiparar a região com as demais do Brasil, sendo preciso criar um discurso de decadência da antiga base econômica piauiense, a pecuária.

A nova economia extrativa viria substituir a velha economia pecuarista, e as exposições selariam essa mudança e apresentariam ao Brasil e ao mundo o potencial do Estado do Piauí. Segundo ponto, tal proposta de tornar a região civilizada é abraçada em partes pelos grandes produtores piauienses, tendo em vista que esses passam a cultivar e a exportar a maniçoba, mas acabam por levar o gado e seus derivados como produtos de destaque para serem expostos nas exposições. A tentativa de substituir a economia considerada decadente e responsável pelo atraso do Estado por outra que traria o desenvolvimento do Piauí não surtirá o tão esperado efeito no campo das mentalidades, pois o gado continuou a ser considerada a fonte de grande riqueza do Estado. Alguns historiadores, quando estudam o período de transição do século XIX ao XX no Piauí, cometem o equívoco de analisar apenas a economia por meio das cifras, esquecendo-se de olhar o forte simbolismo da economia do gado durante o século XX. As exposições são um exemplo de vitalidade da economia do gado, convivendo em paralelo com a economia extrativa da maniçoba.

A tentativa malograda acabou por evidenciar a força do antigo sistema econômico pecuarista, que prevaleceu nas exposições. O novo sistema econômico não extinguiu o antigo, mas coexistiram, como ficou evidenciado na Exposição Nacional de 1908 e na Exposição Estadual de 1923. É importante ressaltar que não seria possível extinguir definitivamente a produção pecuarista, pois a mesma foi e ainda continuava sendo uma das principais fontes de renda do Estado; os produtores não abandonariam tão facilmente suas práticas de produção. A ideia era de tornar o Estado desenvolvido, porém a realidade da sociedade piauiense era outra, como já mencionado; tais ideias de civilização não eram compartilhadas por todos, ficando restrita a determinado grupo da sociedade, nesse caso, as pessoas ligadas ao governo que compunha a elite piauiense.

As Exposições Estaduais seriam o reflexo do ideal de desenvolvimento que a elite piauiense desejava alcançar, para inserir o Estado ao conjunto das economias nacionais e internacionais. A participação do Piauí nas exposições vem com essa ideia, mas o que se pode ver é uma tentativa frustrada, pois não conseguem pensar o novo sem o velho, ou seja, o novo é instituído na preservação do velho, nesse caso a cultura do gado.

A tentativa de mudança de foco na produção econômica piauiense no início do século XX pode ser percebida na Exposição Estadual de 1923. Em relatório a respeito da participação da indústria pecuarista na exposição, o Presidente do Estado do Piauí, João Luis Ferreira, aponta que a participação dos criadores do Estado foi insignificante, com um pequeno número de animais que concorreram ao evento, comprovando assim, Segundo o Presidente do Estado, a desanimadora situação em que se encontrava a indústria pecuarista. Tal colocação do Presidente do Estado revela muito mais do que podemos compreender em uma primeira leitura, pois a mesma demonstra também certa preocupação em relação a pouca presença da indústria pecuarista na exposição, manifestando assim a importância da economia para o Estado. Outro ponto a ser destacado na fala do presidente João Luís Ferreira, que acaba por ser contraditório, é sobre a quantidade de animais expostos na exposição, pois o mesmo aponta que esse número foi baixo devido à decadência da economia, só que podemos perceber nas entrelinhas de sua fala certa mágoa por não poder apresentar na exposição do Centenário o verdadeiro potencial econômico do Estado, pois a indústria pecuarista desenvolvida no Piauí era muito maior do que a exposta na exposição. Então, por que os criadores piauienses não compareceram a Exposição Estadual de 1923?

Uma ideia aqui levantada diz respeito a não representatividade das exposições a todas as camadas da sociedade. Como já discutido anteriormente, as exposições eram festas da elite brasileira, os pequenos criadores piauienses não compareceram aos eventos. Essa ideia é defendida a partir da análise dos nomes dos criadores piauienses que apresentaram produtos na exposição, onde todos esses sujeitos faziam parte da elite piauiense. Entre os nomes podemos destacar Antônio Cauvor de Miranda, Juvencio A. de Carvalho, Dr. Joaquim Vaz da Costa e Dr. Miguel de Paiva Rosa, sujeitos aos quais a partir de agora iremos traçar um pouco de suas vidas.

Antonio Cauvor de Miranda foi um teresinense muito envolvido na sociedade piauiense, pecuarista e um dos primeiros criadores a introduzir animais estrangeiros para o melhoramento das criações de gado no município de Teresina. Teve envolvimento na vida política da capital do Piauí e ocupou o cargo de Conselheiro de Intendência em Teresina. Juvencio A. de Carvalho, também teresinense, comerciante, político e pecuarista, proprietário de fazenda no interior de Teresina, onde mantinha suas criações de gado resultado do cruzamento das raças Zebú e Holandesa. Ocupou importantes cargos públicos, como Conselheiro e Presidente do Conselho Administrativo em Teresina, foi membro do Tribunal de Contas do Estado e Deputado Estadual. Dr. Joaquim Vaz da Costa, líder da Revolução de 1930 no Piauí, foi político, jornalista, magistrado, bacharel em direito, fundador da Faculdade

de Direito do Piauí, promotor público em Amarante, juiz de direito em São João do Piauí e Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado. Dr. Miguel de Paiva Rosa foi Governador do Estado do Piauí entre os anos de 1912 e 1916, jornalista, advogado e professor. Formado em direito pela Faculdade de Recife, assumiu o cargo de Juiz Distrital em Jerumenha e Floriano. Foi responsável por realizar em seu governo algumas obras como a inauguração do sistema de luz elétrica em Teresina.

Os sujeitos mencionados acima são apenas alguns dos expositores da indústria pecuarista da Exposição Estadual de 1923. Outros nomes de destaque da sociedade piauiense também aparecem na lista dos expositores, porém optamos em descrever de forma mais detalhada a vida desses indivíduos por serem os mesmos apontados como os criadores dos melhores animais que figuraram na exposição, resultado do cruzamento das raças bovinas. Esse melhoramento da indústria pecuarista evidência mais um ponto contraditório na fala do presidente João Luis Ferreira, pois se a indústria pecuarista apresentava uma situação desanimadora ou até mesmo decadente, como muitas vezes apontada nos Relatórios do Presidente do Estado, os criadores piauienses não investiriam cada vez mais nesse setor, ou até mesmo não apresentariam seus produtos nas exposições, símbolos de modernização, revelando com isso a relevância da indústria pecuarista no contexto da sociedade piauiense no início do século XX.

Segue abaixo um quadro dos animais expostos por esses criadores.

Figura 3: Quadro dos bovídeos expostos na Exposição Estadual de 1923

Quadro dos bovídeos expostos											
NOME DO ANIMAL	Nome do criador	RAÇA	IDADE	SEXO	FILIAÇÃO	NATURALIDADE	Peso Kgs.	Produção de leite em 34 horas (litros)	Idade em que deu a 1ª cria	Tempo da lactação	OBSERVAÇÕES
Kromprinz	Antonio Cavour de Miranda	Zebú (Guzerat)	4 1/2 ans.	Masculino	Desconhecida	Bombain (India)					
Segunda	Idem	Idem	2 1/2 «	Feminino	Kromprinz e Zeba	Theresina					Este reproductor já forneceu 52 crias.
Menina	Idem	Zeburina	4 «	Idem	Idem	Theresina	9,33	27 mezes			
Zeba	Idem	Zebú (Guzerat)	Idem	Idem	Idem	Idem					
Bety	Idem	Idem	5 mezes	Idem	Kromprinz e Zeba	Theresina					
Bertha	Idem	Idem	Idem	Idem	Idem	Idem					
Magnolia	Idem	Zeburina	Idem	Idem	Idem	Idem	10,66	23 mezes			
Paqueta	Idem	Turina	5 annos	Idem	Idem	Idem	12,00	24 «			
Princeza	Idem	Idem	8 «	Idem	Idem	Ilha Madeira	18,66				
52	Idem	Zebú (Guzerat)	1 mez	Masculino	Kromprinz e Dora	Theresina					
Thesourinha	Idem	Mestiça	Idem	Feminino	Idem	Idem	8,00				Zebú com vacca crioula.
Margarida	Idem	Hollandeza	5 annos	Idem	Idem	Idem	13,33	30 mezes	22 mezes		
31	Juvenio A. de Carvalho	Zebú (Guzerat)	17 mezes	Masculino	Kromprinz	Idem					
Maravilha	Idem	Mestiça	8 1/2 ans.	Idem	Idem	Parnhyba					112 zebú, 112 hollandez.
Bonita	Idem	Hollandeza	6 1/2 «	Feminino	Idem	Rio de Janeiro	10,00	25 mezes			
Lisbôa	Idem	Mestiça	4 annos	Idem	Maravilha e Bonita	Theresina	6,00	32 «			314 hollandez e 114 zebú.
Rosa Branca	Idem	Idem	33 mezes	Idem	Idem	Theresina	6,00	32 «			Idem
Almirante	Idem	Idem	7 «	Masculino	Idem	Idem					Idem
Gallego	Idem	Idem	14 «	Idem	Maravilha e Lisbôa	Idem					518 hollandez e 318 zebú.
?	Dr. Joaquim Vaz da Costa	Zebú-crioula	7 annos	Feminino	Desconhecida	São João					
?	Dr. Miguel de Paiva Rosa	Idem	Idem	Idem	Idem	Desconhecida					
?	Irineu Carvalho	Mestiça	Idem	Masculino	Idem	Idem	400				
?	Município de Urussuhy	Turino-crioulo	Idem	Idem	Idem	Urussuhy	300				(Boi)
?	Idem	Mestiço	Idem	Idem	Idem	Idem					

Fonte: Catálogo dos produtos piauienses na primeira Exposição Estadual do Piauí de 1923, p.98

Os principais nomes concorrentes à exposição no setor da indústria pecuarista foram os coronéis Antônio Cauvor de Miranda e Juvencio A. Carvalho. Como podemos observar no quadro, esses dois criadores foram quem mais enviaram animais para a exposição, o primeiro enviou 12 animais e o segundo 07, todos resultado do cruzamento de sangue de diferentes raças. Os animais expostos por Antônio Cauvor de Miranda eram resultado do cruzamento das raças Zebu, Taurinas e Holandesa, demonstrando um excelente resultado, o criador recebeu medalha de ouro pelos animais expostos na indústria pecuária na Exposição Estadual de 1923.

A vista das considerações esplêndidas e dos elementos de que dispôs para dar o seu veredicto, a comissão é de parecer: 1.º- que o prêmio de indústria pecuária (bovídeos) deve caber ao Sr. Coronel Antônio Cauvor de Miranda, não só pela excelência dos gados que levou à exposição como pelo seu esforço sistemático em melhorar a criação neste município.¹²²

Assim como na Exposição Nacional de 1908, vários foram os municípios piauienses que participaram da Exposição Estadual de 1923, como bem demonstra a tabela abaixo os municípios que participaram da exposição, o número de expositores de cada município e o número de prêmios conquistados na exposição.

Tabela 7: Exposição Estadual de 1923 – relação de municípios, expositores e premiação.¹²³

Município	Nº de expositores	Nº de prêmios	
Teresina	70	47	
Alto Longa	01	—	
Altos	02	02	
Amarante	06	05	
Amarração	02	01	
Aparecida	01	02	
Barras	03	03	
Batalha	01	—	
Boa Esperança	03	01	
Buriti dos Lopes	01	—	

¹²² Catálogo dos produtos piauienses na primeira Exposição Estadual do Piauí de 1923 realizada a 24 de janeiro de 1923, comemorativa do primeiro Centenário da sua adesão a Independência do Brasil. Papelaria Piauhyense, 1923, p. 90.

¹²³ Tabela elaborada a partir dos dados extraídos do Catálogo dos produtos piauienses na primeira Exposição Estadual do Piauí de 1923.

Campo Maior	04	03	
Canto do Buriti	01	—	
Castelo	07	03	
Floriano	32	28	
Jaicós	02	02	
Jerumenha	16	07	
Livramento	07	05	
Marruás	02	01	
Miguel Alves	01	02	
Oeiras	01	—	
Parnaíba	39	36	
Pedro II	02	01	
Piripiri	05	04	
Piracuruca	02	—	
Picos	15	03	
Porto Alegre	07	04	
São João do Piauí	07	06	
São Pedro	09	04	
São Raimundo de Nonato	01	—	
Simplício Mendes	29	14	
União	27	09	
Uruçuí	20	06	
Valença	05	03	

Fonte: Catálogo dos produtos piauienses na primeira Exposição Estadual do Piauí de 1923, p.99.

Os municípios que mais tiveram expositores, como podemos ver, foram Teresina, Parnaíba, Floriano, Simplício Mendes, União, Uruçuí, Jerumenha e Picos; os demais tiveram uma média abaixo de 15 expositores. Isso pode ser justificado por esses municípios apresentarem-se como pontos estratégicos no desenvolvimento da indústria pecuarista piauiense. Em outros municípios, podemos observar que o próprio Governo se encarregou de levar os produtos para a exposição, devido à carência de expositores. Sendo assim, Alto Longá, Aparecida, Batalha, Buriti dos Lopes, Canto do Buriti, Miguel Alves, Oeiras e São Raimundo de Nonato, apresentaram apenas um expositor, representado pelo Governo

Municipal. Isso mostra a preocupação das autoridades políticas em levar as diferentes regiões do Piauí a celebrar o Centenário. Em relação às premiações os municípios de Teresina, Parnaíba e Floriano foram os que mais conseguiram medalhas. Abaixo iremos fazer uma relação dos municípios e o tipo de medalha conferido a cada um deles.

Tabela 8: Tipos de premiação por município na Exposição Estadual de 1923.¹²⁴

Município	Medalha de ouro	Medalha de prata	Medalha de cobre	Menção honrosa
Teresina	11	11	19	06
Amarante	02	02	01	—
Parnaíba	10	14	11	01
Piripiri	01	02	01	—
S. João do Piauí	01	02	02	—
S. Raimundo Nonato	—	—	—	01
Valença	—	02	01	—
Miguel Alves	—	02	—	—
Jerumenha	—	06	01	—
Uruçuí	02	02	02	—
União	01	06	02	—
Livramento	01	03	01	—
Campo Maior	—	02	01	—
Simplício Mendes	04	04	06	—
Altos	—	02	—	—
Barras	—	02	01	—
Oeiras	—	—	—	01
Porto Alegre	—	—	04	—
Amarração	—	01	—	—
Canto do Buriti	—	—	—	01
Batalha	—	—	—	01

¹²⁴ Tabela elaborada a partir dos dados extraídos do Catálogo dos produtos piauienses na Exposição Estadual do Piauí de 1923.

Buriti dos Lopes	—	—	—	01
Piracuruca	—	—	—	01
Castelo	—	02	01	—
Boa Esperança	—	—	01	—
Picos	—	02	01	—
Pedro II	—	01	—	—
Floriano	06	18	04	—
Marruás	—	—	01	—
Jaicós	—	02	—	—
São Pedro	—	03	01	—

Fonte: Catálogo dos produtos piauienses na Exposição Estadual do Piauí de 1923.

As premiações na Exposição do Centenário nos revelam os principais municípios criadores do Piauí, esses que participaram de forma mais ativa enviando uma maior quantidade de produtos e respectivamente recebendo um maior número de medalhas. Ser premiado em uma exposição traria muitos benefícios para o produtor, pois além do reconhecimento com o recebimento de medalhas, criava-se também uma forte propaganda em torno de seus produtos, sendo de grande importância para sua comercialização. A revista “O Meio”, em sua edição de fevereiro de 1935 trás uma propaganda da Fábrica Ypiranga, produtora de charutos, cigarros, fumos e papéis, destacando que a fábrica teria recebido medalhas e menções honrosas na Exposição Internacional de 1922 e na Exposição Estadual de 1923, enfatizando assim a qualidade de seus produtos que foram premiados nessas exposições.

Figura 4: Propaganda da premiação da fábrica Ypiranga na Exposição Estadual de 1923.

**FABRICA
YPIRANGA**

CIGARROS, CHARUTOS, FUMOS E PAPEIS
CASA FUNDADA EM 1919

Premiada nas exposições Internacional de
1922 e do Estado do Piauí com medalhas de prata
e diversas menções honrosas

A MAIOR INDUSTRIA DO ESTADO

Trabalha
com 100 ope-
rarios e possui
todas as maquinas
necessarias ao genero,
pelo que depois de imuniza-
da, não tem a materia
prima qualquer con-
facto directo com
as mãos dos
operarios

AS SUAS MARCAS PRINCIPAIS SÃO:
PIAUIENSES, REI DE PAUS,
MARANHENSES, HAVANA,
YPIRANGA, 44 E AIMORÉ

J. CAMILO

Telegr.—ZECAMILO ——— Cod.—MASCOTE

ESCRITORIO E DEPOSITO—RUA PAISANDU—45

TERESINA —:— **PIAUI**

Fonte: Revista O Meio de fevereiro de 1935

Voltemos um pouco agora para a organização e estrutura da Exposição Estadual de 1923, comemorativa ao Centenário da Independência. A mesma ocorreu no dia 24 de janeiro do referido ano e foi instalada no edifício do Fórum Estadual onde organizaram os mostruários com os produtos de cada município. A comissão organizadora foi composta pelo Dr. Mathias Olympio (presidente), Dr. João Luis, Arcebispo D. Octaviano, Desembargador Area Leão (presidentes de honra), Capitão Dr. José Faustino (tesoureiro), Dr. Miguel Rosa (vice-presidente), Dr. Fenelon Castelo Branco (secretário) e Desembargador Lucrecio Avellino.

Figura 5: Comissão organizadora da Exposição Estadual de 1923.



Fonte: Catálogo dos produtos piauienses na primeira Exposição Estadual do Piauí em 1923

Assim como as demais, a exposição de 1923 foi dividida nas seções de agricultura, indústria pastoril, várias indústrias, indústria extrativa e artes liberais. Essas seções se encontravam subdivididas nos mesmos grupos da Exposição Nacional de 1908 e os produtos expostos em cada seção foram praticamente os mesmos. A ideia era de celebrar o Centenário com uma exposição, reunindo todos os municípios com seus produtos e produtores no intuito de mostrar o desenvolvimento do Estado. A intenção de tornar o Piauí civilizado parte dos anseios das autoridades políticas, versando sob o projeto do Governo republicano de construir uma identidade nacional brasileira buscando conhecer a história do seu povo. Mas como podemos perceber através das exposições, esse projeto se estendia apenas a elite brasileira, excluindo dela grande parte de sua população.

No Piauí as exposições acontecem da mesma forma, excluindo delas homens e mulheres que não se enquadrassem na sua perspectiva. As autoridades piauienses sustentam a ideia de que o Estado se encontrava rumo ao progresso, incorporando novas atividades econômicas no seu meio, a fim de se integrar as economias nacionais e internacionais, mas as exposições evidenciam uma vertente totalmente oposta. Por esse motivo defendemos a ideia de

que o advento do novo sistema político no início do século XX não irrompeu mudanças tão profundas no sistema econômico piauiense; o que podemos perceber são novas economias sendo incorporadas, porém, o simbolismo da antiga economia do gado não permitira uma ruptura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, o Piauí foi tomado por fortes pressões e transformações de ordem econômica, política e social que perpassavam a ideia de tornar a região civilizada. Esse movimento foi instaurado em todo o Brasil e estava em sintonia com um projeto maior de modernização do estado nacional, planejado desde o período monárquico e tinha na figura de D. Pedro II seu principal articulador à medida que não só adotava hábitos considerados civilizados e importados da Europa como desejava construir uma Europa no Brasil, uma espécie de França tropical. Sinais desses novos tempos se materializavam em várias regiões do Brasil, a partir das interferências urbanísticas, com a abertura de novas avenidas, derrubada de árvores e de casas mais acanhadas para dar lugar a grandes edifícios e espaços de lazer, tudo inspirado na capital francesa.

A proposta deste trabalho foi de analisar a integração dos sujeitos do Piauí nesse contexto de transformações por meio das Exposições Estaduais, eventos estes potencialmente construtores e propagadores da imagem e do discurso de civilização nos trópicos. Tais transformações exigiam uma mudança de postura e de atitudes em relação a um mundo cada vez mais moderno e civilizado aos moldes europeu. Porém, com as leituras e análises dos documentos, principalmente os catálogos dos produtos piauienses que figuraram nas exposições, compreendemos que estas mudanças se processaram dentro de um ambiente de permanências e, para utilizarmos a expressão de Arnor Mayer, em um ambiente marcadamente vinculado a uma *força da tradição*, sobretudo nos aspectos econômicos e em especial da economia do gado, símbolo do economicismo colonial e propulsor das conquistas territoriais do Piauí antigo e que, no século XX, re/surge e passa a conviver simultaneamente ao lado das novas economias e demandas típicas do século XX.

Muitos compreendem esse período de transição de um século para o outro somente como um momento de grandes transformações e rupturas. Os progressos científicos, tecnológicos e materiais seriam o resultado de uma sociedade que caminhava rumo à civilização. Os autores dessa ideologia provinham basicamente da classe burguesa. Porém, é necessário pensarmos esse momento não apenas de mudanças, mas também plausível de permanências.

O autor Arno Mayer destaca que no século XX, sobretudo a partir de 1914, “a Europa era demasiadamente *ancien régime* para que suas ideias e valores reinantes fossem outros que não conservadores, antidemocráticos e hierárquicos. O capitalismo pós-mercantil e

suas formações de classe eram bastante frágeis para que o progresso, o liberalismo e a igualdade de raízes iluministas pudessem se tornar hegemônicas.”¹²⁵

Mayer nos possibilita perceber as permanências culturais de uma Europa que teima em viver as marcas do passado. Um mundo burguês cuja efetivação esbarra em forças tradicionais que relutam a influenciar as decisões políticas e econômicas de um continente que tempos depois triunfará melancolicamente na primeira guerra mundial. Para o autor,

[...] a antiga ordem permanecia intacta sob demasiados aspectos para que o novo credo pudesse atrair as elites dominantes agrária, do serviço público e da cultura, ou conseguir muitos adeptos entre o campesinato, a *petite bourgeoisie* e as massas trabalhadoras. Devido ao seu enraizamento social e político superficial, as doutrinas do progresso linear eram vulneráveis a ataques.¹²⁶

Arno Mayer entende a sociedade europeia desse período enraizada em tradições e valores antigos. As classes dominantes e governantes se mantinham alicerçados na herança deixada pelos antigos regimes. Mesmo com a tentativa de introdução de um projeto modernizador das sociedades europeias e americanas, pode-se perceber uma forte resistência. Foi pensando a partir desses elementos, que pudemos entender as transformações e permanências no contexto da sociedade piauiense no início do século XX.

A participação do Piauí nas Exposições Nacionais e Estaduais possibilita compreender tais permanências na constituição da sociedade piauiense no início do século XX. A tão enraizada ideia de que a economia do gado era uma economia decadente, e que nos últimos anos do século XIX teria declinado mais ainda, é muito defendida dentro da historiografia piauiense e, em muitos casos, a sedução se deu pela leitura literal dos dados econômicos e por uma perspectiva de análise histórica marcadamente economicista, desconsiderando elementos simbólicos da dimensão humana. Certamente, analisando a documentação desse período, principalmente os relatórios do presidente do Piauí ou as cifras orçamentárias de exportação, podemos concluir que a economia pecuarista sempre esteve em desvantagem em relação à da maniçoba. Contudo, a história não é só feita a partir de dados e números, o entendimento do imaginário, do sentimento é tão importante quanto o da economia.

Pensar esse momento da história do Piauí por meio do imaginário nos ajuda a entender as razões da economia pecuarista figura como o principal elemento exposto pelos

¹²⁵ MAYER, Arno J. *A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 267.

¹²⁶ *Ibid*, p. 268.

principais empreendedores do Piauí durante a Exposição Estadual de 1923. Curiosamente, para os defensores do progresso e, sobretudo os governantes, a economia do gado representa o atraso do Estado do Piauí; já para os homens de negócios o melhoramento das raças e a importação de animais reprodutores eram sinônimos de estreitamentos dos mundos e inclusão do Piauí no que havia de mais modernos na produção bovina de até então. Dessa maneira, a simbologia do gado não residia no atraso ou de alheamento às ideias de modernização em voga no país e fora dele. Os grandes produtores piauienses, que compunham a elite do Estado e que aderiram ao projeto civilizacional do Brasil, continuaram a produzir e a melhorar a economia pecuarista, aproveitando as inovações tecnológicas trazidas pela modernização.

Jacques Le Goff aponta que o problema se encontra na maneira como o homem do século XX vê a sociedade, como algo homogêneo e universal, não aceitando o direito a percepções diferentes.

O homem das épocas clássicas das Luzes, do progresso industrial, isto é, o homem ocidental do século XVIII ao início do XX estava certo da permanência e da superioridade da sua cultura. Ele não aceitava a ideia de que esta nem sempre existiria, muito embora períodos de decadência parecessem interromper a sua continuidade. Ele reemergia com os renascimentos. A historiografia positivista do século XIX e do início do século XX admitia desigualdades tecnológicas, econômicas, “atrasos” devido à falta de conhecimentos, decadências, mas não as diferenças em nível da percepção e da sensibilidade. [...] portanto, este último sentia-se tentado pelas semelhanças com um modelo universal¹²⁷.

Portanto, o que defendemos até aqui foi a ideia de que os sujeitos piauienses apreenderam este período de maneira particular, articulando o tradicional e o novo. Para aqueles homens do passado, ser moderno não significava abandonar a antigo, mas readaptá-lo às necessidades do presente. Nada como a história para nos lançar ideias sobre o presente. Foi com este propósito, compreender o presente e nosso fascínio pela modernidade, que nos aventuramos pelo passado por meio da luneta da história para compreender como os sujeitos de outrora se posicionaram sobre as transformações do moderno.

¹²⁷ GOFF Le, CHARTIER, R. E REVEL, J. (org.). *A história Nova*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 232.

5. FONTES

5.1 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ – APEPI (1856-1923)

- Aspectos do problema econômico piauiense.
- Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908 comemorativa a abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional. Rio de Janeiro. Papelária Americana. Rua Assembléia, Nº 20, 1908.
- Catálogo dos produtos piauienses na primeira Exposição Estadual do Piauí de 1923 realizada a 24 de janeiro de 1923, comemorativa do primeiro Centenário da sua adesão a Independência do Brasil. Papelaria Piauhyense, 1923.
- Mensagem apresentada a Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo seu Governador Dr. Coriolano de Carvalho e Silva em 07 de setembro de 1895. Teresina – Piauhy, 1895
- Estado do Piauhy. Mensagem apresentada a Câmara Legislativa pelo Exm. Sr. Dr. João Luiz Ferreira Governador do Estado no dia 1 de junho de 1923. Typ. do. Piauhy. Teresina, 1923.
- Estado do Piauhy. Mensagem apresentada a Câmara Legislativa a 1 de junho de 1904 pelo Exm. Sr. Dr. Arlindo Francisco Nogueira Governador do Estado. Teresina. Typ. do. Piauhy, 1923
- O Piauí no centenário de sua Independência de 1823-1923. IV Vol, Teresina: Papelaria Piauhyense, 1923.
- Relatório do Presidente do Piauhy o Comendador Frederico D’ Almeida e Albuquerque apresentado a respectiva Assembléia Legislativa Provincial na sessão ordinária de 1856. S. LUIZ: Typographia do Progresso – Rua de Sant’ Anna Nº 17. Impresso por B. de Mattos. 1856.
- Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauhy Dr. Antônio Corrêa do Couto no qual passou a administração ao Exm. vice-presidente o comendador Ernesto José Baptista no dia 27 de junho de 1859. Teresina. Typ. Constitucional, de J. da S. Leite. – Rua Grande N, 1859.
- Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauhy Dr. Diogo Velho Cavalcanti D’ Albuquerque passou a administração da mesma ao Exm. Sr. vice-presidente Coronel Ernesto José Baptista, no dia 16 de maio de 1860. Teresina. Typographia Constitucional de J. da S. Leite. 1860.
- Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauhy Dr. Manoel Antônio Duarte de Asevedo passou administração ao Exm. Vice-presidente Dr. José Marianno Lustoza do Amaral no dia 15 de abril de 1861. Typographia Conservadora Impresso Por Manoel Victorianno Marques, 1861
- Relatório que o Exm. Presidente da província do Piauhy Dr. José Fernandes Moreira apresentado a Assembléia Legislativa Provincial por acação da sua instalação no dia 10 de novembro de 1862. Teresina. Typographia Constitucional, Rua Grande. 1862
- Relatório apresentado a Assembléia Legislativa do Piauhy no dia 01 de junho de 1864 pelo Presidente da província Franklin Américo de Menezes Doria. San’ Luiz: Typ. de B. de Mattos –Rua da Paz, 7. 1864

- Relatório apresentado a Assembléia Legislativa do Piauí no dia 12 de julho de 1865 pelo Presidente da província o Exm. Sr. Dr. Franklin Américo de Menezes Doria. S an'Luiz: Typ. de B. de Mattos, Rua da Paz, 3. 1865.
- Relatório apresentado a Assembléia Legislativa do Piauí no dia 09 de setembro de 1867 pelo Presidente da província o Exm. Sr. Dr. Adelino Antônio de Luna Freire. San'Luiz do Maranhão: Typ. De B. De Mattos, Rua Paz, 7. 1867
- Relatório apresentado a Assembléia Legislativa no dia 21 de julho de 1868 pelo vice-presidente o Exm. Sr. Dr. Manoel de Freitas. Theresina. Typ. do Piauí. 1868.
- Relatório com que o Exm. Presidente Dr. Adolpho Lamenna Lins passou a administração da província ao Exm. 1º. Dr. Vice-presidente Tenente-coronel Odorico Brasileiro de Albuquerque Rosa no dia 27 de novembro de 1874do Presidente da Província do Piauí de 27 de novembro de 1874. Maranhão. Typ. Do Paiz. Imp. M. F. V. Pires, 1874
- Revista O Meio de fevereiro de 1935

5.2 SITES INSTITUCIONAIS

5.2.1 Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional Digital Brasil: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/auxiliador-industriacional/302295>

5.2.1.1 O auxiliador da Industria Nacional – 1833 a 1896 – PR_SOR00100_302295.

- O Auxiliador da Industria Nacional, Nº 9 de fevereiro de 1851
- O Auxiliador da Industria Nacional, Nº 6 de dezembro de 1851
- O Auxiliador da Industria Nacional, 15 de janeiro de 1861
- O Auxiliador da Industria Nacional, agosto de 1866

5.3 RELATORIOS MINISTERIAIS

5.3.1 CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES: <http://www.crl.edu/brazil/ministerial>

5.3.1.1 Ministério da Agricultura:

- Relatório da repartição dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas apresentado a Assembléia Geral Legislativa na segunda sessão da décima primeira legislatura pelo respectivo ministro e secretário de estado Manoel Felizardo de Souza e Mello. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. Rua dos Inválidos, Nº 61 B, 1861.
- Relatório que devia ser presente a Assembléia Geral Legislativa na terceira sessão da décima primeira legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas Pedro de Alcântara Bellegarde. Rio de Janeiro. Typographia Perseverança. Rua do Hospício, Nº 99, 1862.
- Relatório apresentado a Assembléia Legislativa na primeira sessão da décima terceira legislatura pelo Ministro e Secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras

Públicas Manoel Pinto de Souza Dantas. Rio de Janeiro. Typographia Perseverança. Rua do Hospício, Nº 99, 1866.

5.3.1.2 Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas:

- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo general de brigada Dr. Bibiano Sergio Macêdo da Fontoura Cestallat Ministro de Estados dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas em maio de 1994. 6º da República, Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1894.
- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas Lauro Severiano Muller no ano de 1904. 16º da República. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1904.
- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, relatório apresentado ao vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon Du Pin e Almeida no ano de 1908. 20º da República. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1908.

5.4 DICIONÁRIOS

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4. Ed. Rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado: Edição ilustrada e comentada*. Teresina, 2003.

5.5 REVISTA

- Revista *L' Esplorazione Commerciale*, vol. 1º de 1896 Apud Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908 comemorativa a abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional. Rio de Janeiro. Papelária Americana. Rua Assembléia, Nº 20, 1908, p. 10.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBUY, Heloisa. *A Cidade-exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar/* São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. “*Representações do Brasil Moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos Museus Comerciais europeus, 1906 a 1908*”. *História*. vol.26, nº.2, Franca 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 4ªed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Cidadania no Brasil: O longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CUNHA, Cinthia da Silva. *As Exposições Provinciais do Império: A Bahia e as Exposições Universais (1866 a 1888)*. / Salvador, 2010.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização (vol. 2)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993.
- FERREIRA, Cristina Araripe. *Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil: a circulação do progresso nas Exposições Universais e internacionais*. Rio de Janeiro, 2011.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico, Brasileiro e o projeto de uma história nacional: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. N. 1, 1988.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: A modernidade na selva/* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. Puc-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (org.). *A história Nova*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- MAYER, Arno J. *A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O Norte Agrário e o Império*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

MOTTA, Marly Silva da. "Ante-sala do paraíso", "vale de luzes", "bazar de maravilhas" - a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro - 1922). Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

NETO, Marcelo de Sousa. *Entre o social e o material: sociedade e modernização dos espaços na Primeira República brasileira*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005.

PEREIRA, M. A. C. S. *A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro*. Arqtexto (UFRGS), v. 16, p. 6-27, 2010.

PEREIRA, M. C. da S. *A Participação do Brasil nas Exposições Universais: Uma arqueologia da modernidade brasileira*. *Revista Projeto*, São Paulo, nº 139, p. 7, 1992.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. *Economia piauiense: Da pecuária ao extrativismo/ Teresina: EDUFPI, 2006.*

_____. *A importância da borracha de maniçoba na economia piauiense: 1900-1920*. Curitiba, 1984.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1910*. 3ed. São Paulo: Editora Autora, 2010.

SALIBA, Elias Thomé. *Cultura/As apostas na República*. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz. (Org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Vol 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SANTOS, Paulo César dos. *Um olhar sobre as Exposições Universais*. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal-RN, 2013.

_____. *Produtos da terra: tempo, espaço e técnica nas Exposições Industriais (1861-1822)*. Fortaleza, 2016.

SANTANA, R. N. Monteiro de. *Evolução histórica da economia piauiense*. 2ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* / São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, Laila Pedrosa da Silva, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação “Ecos do progresso, ruídos de civilização: as Exposições Estaduais no Piauí do final do século XIX e início do século XX” de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de setembro de 2016.

Laila Pedrosa da Silva

Assinatura

Laila Pedrosa da Silva

Assinatura

